

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 5

Maio de 1919

Ano LXXI

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

A conquista da Africa Oriental Alemã

Operações em 1917

(Continuado de pag. 200)

Quando em principios de 1917, o general Smuts foi chamado a Londres, onde se conserva até hoje com um crescente prestigio, o comando em chefe das tropas britannicas passou para o general Hoskins, que então comandava a columna em operações em Quiloa, e se apresentou para assumir o comando, tendo marchado em aeroplano de Quiloa para a margem Norte do Rio Rufiji, a cerca de 200 kilometros, onde estava o Quartel General.

Apesar porem do vigor do general Hoskins, as operações paralisaram pelo esgotamento de forças, consequente da ardua campanha e pelo aparecimento das chuvas, agora mais sensiveis nesta zona de operações nas margens dos rios. Durante a epoca das chuvas procedeu-se a uma laboriosa reorganização sendo repatriadas as unidades europeias, rendidas as tropas indianas e aumentadas as africanas, pela autorização parlamentar para serem mobilizados 30.000 indigenas, destinados ao prosseguimento da campanha e occupação do territorio.

Quanto á abundancia dos recursos dos serviços auxiliares mobilizados, foi enorme, e somente comparavel ás difficuldades da região e á resistencia do inimigo. Assim no serviço de transportes poderiamos fazer citações, que porem não constituem ensinamentos em relação aos recursos de que dispomos, e antes pelo contrario nos podem desorientar se

admitirmos, que nos são acessíveis tais grandezas, entretanto observaremos, que o numero de carregadores indigenas mobilizados atingiu a cifra de 395.000, numero assombroso, que só a Inglaterra poderia mobilizar com os serviços correspondentes, de que se poderá fazer uma ideia lembrando, que no parlamento sendo pedidos esclarecimentos quanto ao tratamento dos carregadores, cuja mortalidade era grande, foi respondido, que a sua hospitalização era mensalmente de 10.000, devido ao mortifero clima e não á falta de cuidados ou recursos, como este numero de hospitalizados demonstrava.

Pelo lado dos alemães a preparação para a campanha de 1917, conseguiu obter um poderosissimo rendimento dos limitados recursos, que lhes oferecia a região agricola ao Sul da colonia, a que estavam reduzidos, e enquanto o comandante das tropas Von Lettow e o governador da colonia Dr. Schnee, reorganizavam as suas forças, lançavam para o Norte e para o Sul dois importantes "raids", que perturbaram a reorganização dos aliados, como vamos referir.

Em meados de Março de 1917, o major alemão Witgens, com cerca de 700 askaris, 12 metralhadoras e um milhar de carregadores, marchava do planalto de Mahenge na direcção do Lago Tanganika, conseguindo evitar as forças britanicas, que o observavam. Dado o alarme do "raid" alemão logo as forças britanicas manobraram para cobrirem a fronteira da Rhodesia, mas o major Witgens iludindo os movimentos dessas colunas, marchou para o Norte, e só em fins de Abril era eficazmente perseguido, por uma coluna britanica e duas colunas belgas vindas da região por estes ocupada.

A 60 kilometros a Oeste de Tabora, o major Witgens foi aprisionado doente e isoladamente pelos belgas, vindo a morrer cinco dias depois, mas sem que, o impulso do "raid" alemão fosse enfraquecido, pelo seu sucessor o capitão Naumann, que em 25 de Maio, atravessava a linha ferrea central, a Leste de Tabora, sem destruir a linha ferrea, o que foi inexplicavel, e a 10 de Junho, sempre adiante das colunas britanicas, que o perseguiam, e tendo Naumann as suas forças já reduzidas a 35 europeus e 450 askaris, atacava ainda uma pequena guarnição de 6 europeus e 22 indigenas, que resistiu durante dois dias até ser socorrida, por uma coluna que afugentou o inimigo.

A perseguição do «raid» alemão continuou encarniçada, mas improficua, numa região bem escolhida pelos alemães, por ser muito acidentada e cortada por lagos e linhas de água, que lhes favorecia a mobilidade conseguindo prolongar o «raid» e perturbar a reorganização dos aliados, os quais apertaram mais a perseguição com tropas montadas britânicas. Arditosamente para mais dificultarem a sua perseguição, os alemães desenterraram munições anteriormente escondidas na retirada e simulavam também enterrar armamento com o fim de iludir as colunas perseguidoras, fracionando-se ainda por fim em tres grupos, dos quais o primeiro foi aprisionado em Setembro, o segundo grupo com o comandante Naumann 14 brancos, 159 askaris, duas metralhadoras e 400 carregadores foi aprisionado em 1 de Outubro e a terceira fracção do «raid» com 6 brancos, 88 askaris e duas metralhadoras foi aprisionada em 6 de Outubro, tendo sido abandonada pelos carregadores. Seis meses durára esta operação em que os alemães não conseguindo revoltar os indígenas dos territorios percorridos, causaram entretanto demorado transtorno á reorganização das forças aliadas e á administração civil da parte norte da colonia conquistada, porquanto o «raid» chegou a atingir o seu principal elemento, o caminho de ferro de Tanga, que aliás não tentou danificar, assim como também tendo aprisionados numa das estações do referido caminho de ferro alguns officiais ingleses, soltou-os no dia seguinte sem compromissos.

Simetricamente a êste «raid» executado para o Norte, dirigiram os alemães com a mesma infatigável iniciativa, (tanto mais de surpreender, quanto vinham de ser obrigados a fazer uma longa defensiva de retirada no ano anterior), um outro «raid» para o Sul do Rio Rovuma, sôb o comando do capitão Stuemmer, com tres companhias de askaris e seis metralhadoras; êste «raid» teve como eixo de movimento o Rio Lugenda afluente ao Rovuma e penetrou até á colônia inglesa de Nyassaland. Duas colunas foram organizadas pelos aliados para a perseguição dêste «raid», uma britânica partindo do Nyassaland, sôb o comando do major Shorthose, e outra portuguesa vinda pelo Zambeze, sôb o comando do capitão Melo sendo constituídas, cada uma das colunas, por um grupo de companhias indígenas, com metralhadoras e duas peças; as

duas colunas marcharam paralelamente, seguindo a coluna britânica pela margem esquerda do Rio Lugenda e a coluna portuguesa pela margem direita do mesmo rio, ambas cooperando na missão de varrer o inimigo do território ao Sul do Rovuma. Nêste «raid» do inimigo cuja missão parecia ser simplesmente de reconhecimento para o futuro deslocamento das operações para o Sul do Rovuma, que o inimigo realizou no ano seguinte, observou-se que êle evitava combater, registrando-se unicamente como combate, um pequeno choque de um destacamento inimigo com o posto de Montepuez, guardado por um pelotão indígena português, que repeliu o inimigo. Em 1 de Agosto o «raid» alemão regressava ao Norte do Rovuma ficando considerado limpo. O inimigo o território português e sendo o inimigo ainda perseguido pela coluna britânica, que atravessou o Rovuma e teve ao Norte um renhido combate, do qual resultou a ocupação do posto militar alemão de Tundururu, correspondente à zona de operações do médio Rovuma. O major Shorthose estabeleceu então a sua linha de comunicações para Oeste, ligando-se com as tropas do general Northey, e ligando-se também, ainda que, a grande distância e difficilmente com os postos portugueses ao Sul do Rovuma.

Alem dêstes dois «raids» alemães, também dois nucleos de resistência temos a considerar, nesta fase das operações de 1917, que tenazmente prolongaram a resistência das tropas alemãs. Dêstes dois nucleos, o de Oeste era constituído no planalto de Mahenge, e o nucleo de Léste na zona de operações de Lindi.

No planalto de Mahenge, centro de comunicações importante na margem direita do Rio Rufiji, tinham os alemães quatro destacamentos cobrindo as estradas irradiando de Mahenge; os effectivos alemães contavam nesta zona um total de 242 europeus e 1870 askaris, defrontando-se em Julho, quando os belgas novamente chamados a operar contra os alemães, desenvolveram ao Norte de Mahenge nove companhias, grupadas a tres para constituírem tres batalhões, com algumas metralhadoras e artilharia, enquanto duas colunas mixtas das fôrças do general Northey operavam pelo Sul, procurando as tropas aliadas cortar a retirada e cercar o inimigo.

Em Agosto o dispositivo das fôrças alemãs nesta zona era o seguinte:

4 companhias ao Norte de Mahenge,

6 companhias ao Sul de Mahenge,

3 companhias a Oeste de Mahenge,

1 companhia a Leste de Mahenge,

As operações nesta zona foram caracterizadas por um constante desenvolvimento de pressão por parte dos aliados, procurando o inimigo resistir demoradamente e sem se comprometer demasiado, perdendo em regra em cada lance da defensiva de retirada alguns brancos e uma centena de askaris, mas desaparecendo de noite através do mato, quando já quasi cercados pelos aliados, para novamente irem ocupar outra posição, com uma inalterável disciplina.

A cidade de Mahenge foi ocupada pelos belgas em 9 de Setembro, tendo os alemães só perdido um branco morto e outro prisioneiro, além de alguns askaris, mas a perseguição não se pode efectivar, por faltarem recursos de transporte, característica deficiente, que sempre paralisou as fôrças aliadas, não as deixando alcançar o rendimento correspondente à sua superioridade numerica.

Em princípios de Novembro as fôrças alemãs estavam reduzidas a 14 companhias com cêrca de cem askaris cada uma, mas manobrando por linhas anteriores conseguiram concentrar as suas tropas e oportunamente abandonar a zona em que estavam quasi encerradas, retirando habilmente para o Sul em tres colunas, deixando para traz as colunas britânicas, que as envolviam, e passando por cima da pequena coluna do comando do major Shorthose, o qual nesse renhido combate foi dado por morto; também foi encontrada num oficial alemão morto, a ordem de marcha do inimigo em tres colunas desde Mahenge para o médio Rovuma, a montante de Negomano, que deviam atingir em 23 de Novembro. Cada uma das referidas colunas tinha um efectivo médio de 50 brancos e 500 askaris, com mil carregadores, todas sôb o comando superior de Tafel, que chegando ao Rovuma marchou pela margem Norte em direcção a Newala, já então ocupada pelas fôrças britânicas, do que resultou as tropas alemãs do comando de Tafel passarem para o Sul do Rovuma; mas as

patrulhas portuguesas vigiando a margem Sul do rio conseguiram em Marekaro, pouco a montante de Mocimboa do Rovuma, fazer sofrer algumas perdas aos alemães, das quais se teve conhecimento pelos escoteiros, bem como da dificuldade do inimigo em encontrar viveres, pelo que, de facto o inimigo regressou à margem Norte do Rovuma, rendendo-se aos ingleses em 27 de Novembro: 157 brancos, 1.378 askaris, 2.841 carregadores e incluindo o conjunto 277 mulheres de askaris, constituindo o total das colunas sôb o comando de Tafel, que teve uma acção muito importante na campanha de 1917, vindo por fim a executar num momento critico, em que como veremos estavam quasi cercadas as restantes forças alemãs, uma notável marcha atravez de todas as dificuldades, e tendo por consequência fazer perder aos aliados o contacto com o inimigo.

Entretanto o nucleo mais forte da resistência alemã fôra constituído pelas forças sôb o comando de Von Lettow, que operaram a Oeste de Lindi, proximo do Rovuma, manobrando com um dispositivo em esquadro, sendo a frente ao Norte formada por 15 companhias, com um efectivo de cerca 250 brancos e 3.000 askaris, enquanto a frente a Oeste era formada por 12 companhias com cerca de 140 brancos e 2.500 askaris, havendo ainda duas outras companhias mais reforçadas e dispondo de auxiliares, guarnecendo Massassi e Newala, e vigiando o Rio Rovuma.

Em Julho, sôb o comando do general Van Deventer, as forças britânicas desenvolveram uma acção ofensiva de intensa pressão sôbre a face norte do dispositivo em esquadro, que o inimigo adoptara. Duas brigadas britânicas tendo a sua base de comunicações em Quiloa, obrigaram as companhias alemãs a cederem as sucessivas posições, que estas ocupavam até ao ultimo momento, quando já prestes a serem envolvidas pelas colunas britânicas e depois de mortiferos combates, em que modernas metralhadoras empregadas por tropas bem disciplinadas, tornavam difíceis os movimentos das colunas britânicas no ataque e sôbretudo impediam a perseguição do inimigo, o qual ia ocupar retaguarda novas posições. Na face Oeste do dispositivo em esquadro, era o inimigo atacado por uma brigada britânica, sendo ainda nesta frente a sua resistência mais tenaz e demorada, manobrando

por escalões de uma posição para a outra, sendo o inimigo nesta face comandado pelo general Wahle.¹

Os meses de Agosto e Setembro de 1917 decorreram nestas operações sem resultado decisivo. As companhias alemãs dispoñdo das linhas de comunicação interiores, manobravam continuamente com grande mobilidade de uma para outra frente, sendo digna de registo uma manobra de «navette» executada em fins de Setembro, sôb a direcção de Von Lettow, que com tres ou quatro companhias depois de reforçar a frente de Lindi, combatendo durante dois dias o avanço das fôrças britânicas, marchou sem descanso, a reforçar o flanco esquerdo da outra frente em Lukuledi, fazendo recuar a coluna britânica já ocupando esta localidade.

Sómente em 11 de Novembro as brigadas britânicas de Quiloa e Lindi conseguiram operar a sua junção, tendo ainda, que dedicar algum tempo a reconstituir as suas linhas de comunicação; enquanto o inimigo concentrava e seleccionava os recursos da região, cujas disponibilidades eram bem superiores às indicadas pelas informações, em consequência da abundância de missões religiosas nesta zona de operações.

Em meados de Novembro, como no ano anterior, era geral a expectativa de que a campanha iria terminar, sendo o inimigo encurralado entre o Rovuma e o Oceano. Os alemães estavam entregando as suas fôrças rendendo-se neste periodo: 1.115 brancos e 3.382 askaris, com 6 peças e 73 metralhadoras, abandonando também o inimigo os officiais prisioneiros, que ainda conservava nas suas mãos, em número de: 33 officiais ingleses, 5 portuguezes e 3 belgas, tendo já pelo meio do ano libertado as praças, que tinha aprisionado.

O seu derradeiro posto, Newala, era ocupado sem resistência a 21 de Novembro, pelas fôrças britânicas, mas a situação do inimigo era obscurecida pela aproximação das fôrças de Tafel.

A acção das tropas portuguezas, que ocupavam a margem Sul do Rio Rovuma, consistira em demonstrações sôbre a margem do Norte do Rovuma, com o fim de cooperar re-tendo nessa margem algumas fôrças alemãs. O comandante

¹ Encontram-se croquis destas operações e mapas desta campanha no Estado Maior do Exercito.

das forças portuguesas, coronel Sousa Rosa, tinha o seu Quartel General ao centro da zona definida pelo curso inferior do Rovuma, mas as comunicações eram muito difíceis com o seu flanco esquerdo.

Simultaneamente as duas colunas inimigas, cuja situação era incerta caíam sobre as forças portuguesas. Sendo mais confuso, que a coluna inimiga sob o comando de Tafel, a qual pela ordem de marcha apanhada ao inimigo, devia estar a Oeste, vinha passar o Rovuma perto de Newala, sendo repelida pela inérgica acção das patrulhas portuguesas, repassando o rio para se entregar aos ingleses, enquanto que a coluna inimiga sob o comando de Von Lettow vinha esmagar o posto relativamente forte de Negomano. As duas colunas alemãs tinham-se cruzado, sem se encontrarem, pela margem norte do Rovuma.

A coluna principal inimiga, sob o comando de Von Lettow seleccionada depois de ter entregado os inúteis e estropeados, iludindo os aliados quanto à sua capacidade tática,¹ caía sobre o posto militar português de Negomano, que com o seu sacrifício procurou barrar o caminho à coluna alemã, combatendo todo o dia 25 de Novembro, até ao esgotamento das munições, ficando mortos o major Teixeira Pinto e mais cinco oficiais, alguns sargentos e praças, e cerca de 100 soldados indígenas, que guarneciam o posto de Negomano, na confluência do Rio Lugenda com o Rovuma. Prosseguindo o inimigo para o Sul rapidamente ficava livre do adversário, desde então, o território ao Norte do Rovuma, que constituía o antigo Protectorado da Africa Oriental Alemã, tendo sido em 1 de Janeiro de 1918 aberto ao comércio o caminho de ferro central, que atravessava a colonia desde o Oceano Indico até ao Lago Tanganika.

¹ O Kaiser em 1917 enviou pela telegrafia sem fios para a Africa Oriental uma mensagem louvando as tropas alemãs e seu comandante que fortalecido pelo espirito do dever, continuava empenhado numa campanha desigual ha tres anos, com toda a confiança e inérgia, nunca tendo ido vista no mundo tão ferrea determinação. A patria agradecida pensava com orgulhosa admiração nos seus distantes herois e no seu comandante, cujo silencioso cumprimento do dever será sempre um brilhante exemplo na historia da guerra.

A administração da ex-colônia alemã era então completamente entregue às autoridades civis, sendo o primeiro administrador do governo britânico, Mr. Horace Archer Hyatt, que já se encontrava na colônia.

Começando as chuvas em fins de 1917, os movimentos dos aliados, foram demorados pela preparação de novas linhas de comunicação para alcançarem o inimigo, que entretanto batia os postos portugueses de guarnição no interior, tendo sido das mais notáveis, a resistência durante alguns dias do posto de Monte Mkula, que obrigou o adversário a concentrar-se para o poder subjugar. Embora pequenas forças portuguesas, que guarneciam postos do interior tivessem recuado na direcção do Lago Niassa, mantendo por meio de patrulhas o contacto com o inimigo, agora em território português, entretanto as operações paralisaram até ao ano seguinte.

Em 1917 a reorganização das tropas portuguesas fôra perturbada pela revolta do Barué, numa região ao Sul do Zambeze, quasi simétrica em relação a este rio, da região inglesa onde também rebentara uma revolta em 1915, sendo porem a revolta do Barué atribuida ao intenso recrutamento de soldados e carregadores indigenas, que diligentemente se fazia para a campanha. Esta revolta fez deslocar para a sua sufocação importantes forças, e as dificuldades nesse ano ainda foram agravadas (como já sucedera na metropole com a greve metalurgica na expedição de 1916), com a greve do porto e caminho de ferro de Lourenço Marques, cuja urgente solução fez desviar da zona de operações o governador geral Dr. Alvaro de Castro, que notavelmente intensificara a mobilização de tropas indigenas, que a experiência agora mostrava aos aliados serem as mais convenientes, para operarem naquelas ignoradas paragens inospitas para os europeus.

Operações em 1918

A situação militar no princípio de 1918, consistia em ter o inimigo com a sua característica mobilidade conseguido ganhar a zona interior do vasto território da Companhia Portuguesa do Niassa, conservando-se afastado a cerca de 300 ki-

lômetros do Oceano Indico ou do Lago Niassa, donde laboriosamente se iniciava o desenvolvimento das extensas linhas de comunicações dos aliados. A força do inimigo anteriormente avaliada pelas informações britânicas, embora tendo perdido o contacto, em 15 companhias com cêrca de tres mil askaris e tres mil carregadores, e avaliada no combate de Negomano em cinco ou seis mil indigenas, reconstituia-se, parecendo recrutar os seus askaris nas populações indigenas parcialmente aderentes ou nos milhares de carregadores sempre acompanhando as colunas alemãs, os quais temos visto constituirem dedicadas forças de transportes, seguindo a sorte das armas, sem abandonarem os combatentes, quando as tropas eram batidas, como era regra geral acerca de auxiliares ou carregadores em campanhas coloniais.

Do lado dos aliados, os movimentos das tropas embarçados pelas responsabilidades de manter as guarnições dos territórios ao abrigo de golpes de mão do inimigo e retidas pelos morosos abastecimentos para os quais tinham de abrir largas estradas para automoveis, cerravam lentamente a rede de envolvimento do adversário. Os portugueses sôb o comando do coronel Sousa Rosa operavam a Noroeste do inimigo, avançando uma coluna para montante do Rio Msalu continuando a base em Mocimboa da Praia, enquanto a Oeste pequenas forças, que tinham recuado perante a invasão do inimigo, em direcção ao Lago Niassa, tomavam como base de operações o porto de Metangula e mantinham o contacto com o adversário nas margens do Rio Lugenda, e ainda ao Sul, na margem direita do Rio Lurio outras forças portuguesas se organizavam tomando para base Memba. Entretanto as forças britânicas aproveitando as vias marítimas do Indico e do Niassa constituiam fortes colunas, operando do Nyassaland para juzante do Rio Lugenda e fechando ao adversário o caminho para Sudoeste, bem como para Oeste em cooperação com os portugueses, e outra principal coluna tomava a Leste como base Porto Amelia avançando para o interior, desde logo empenhada em recontros com o adversário, que nessa zona procurava obter viveres.

Em 30 de Janeiro numa amistosa ¹ conferência realizada em

¹ Datado de 3 de Fevereiro de 1918, da Beira, foi publicado o seguinte

Lourenço Marques foi estabelecido o comando unico das forças aliadas, que competia ao general Van Deventer.

Durante os primeiros meses de 1918, as forças alemãs com dificuldade encontraram viveres, apesar de terem chegado a enviar destacamentos até para o Sul de Porto Amelia e perto da colonia inglesa de Nyassaland, activando-se então os preparativos das colunas de perseguição britânicas. Em fins de Abril, os aliados depois de alguns pequenos combates ocupavam a zona a Oeste do Rio Lugenda, enquanto a columna britânica partindo de Porto Amelia sofria uma resistência mais tenaz dos alemães, empenhando-se em renhidos combates com perdas importantes, mas varrendo-os para o Sul até às margens do Rio Lurio, que delimita os territórios da Companhia Portuguesa do Niassa, e o Distrito de Moçambique.

Em Maio depois de alguns combates com os postos portugueses ao Sul do Lurio, o inimigo abandonava um hospital com 100 europeus, 33 askaris, 43 carregadores e 6 medicos, sendo as informações obtidas ácerca do inimigo conducentes à avaliação dos seus efectivos em 80 askaris por cada uma das suas 15 companhias, avaliação abaixo da realidade, como freqüentemente succedeu nesta campanha.

Em 3 de Junho, o adversário era desalojado das margens do Rio Lurio, e desmascarava o seu movimento para o Sul entrando no Distrito de Quelimane, mas depois deste combate a columna britânica, que tinha a sua base em Porto Amelia, por a sua linha de comunicações não ter capacidade de abastecimento, perdia o contacto com o inimigo, o qual vinha chocar com os postos portugueses estabelecidos na margem direita do Rio Ligonha, que separa os Distritos de Moçambique e de Quelimane.

Em Julho o inimigo estava localizado 40 kilometros ao Norte de Quelimane, onde se travava o renhido combate de

telegrama do general Van Deventer, para o encarregado do governo da Provincia de Moçambique, general Bellegarde: — «Apresento os meus mais vivos agradecimentos pela cordealidade da recepção, que me foi feita por V.^a Ex.^a e os officiais, a mim e à minha comitiva. Recordar-nos-hemos por muito tempo da vossa hospitalidade e estou certo, que a nossa conferência tendo reforçado os laços de amizade entre as forças portuguesas e inglesas assegurou a cooperação completa em campanha».

Nhamacurra, com as forças aliadas cobrindo a prospera zona junto daquela cidade. Neste combate o inimigo desenvolveu cerca de 1.200 espingardas e empregou pertinazes esforços para forçar a linha dos aliados, tendo sido porem levado a retirar em tres colunas para o Norte, abandonando alguns prisioneiros, que tinha feito. Marcou tambem este combate, o limite da incursão do inimigo para o Sul em território portuguez, refluindo as suas forças para o Norte, com algumas flutuações, até que seguiu para montante do Rio Ligonha, abandonando outro hospital com perto de 300 askaris ou carregadores.

Em 6 de Setembro, o inimigo acentuando mais o seu movimento retrogrado para o Norte era novamente atacado em Anguros, já no curso superior do Rio Lurio e regressando para o território da Companhia do Niassa, que atravessava, prosseguindo na sua marcha para a antiga colonia alemã; sendo ainda atacado pelas colunas aliadas perseguidoras, a Leste da confluência do Rio Luambala com o Lugenda, retirando então os alemães pelo vale do Rio Luchulingo afluente ao Rovuma no seu curso medio, o qual não oferecia em Setembro grande obstaculo à sua travessia, nem o território despovoado facilitava a vigilancia e perseguição dos aliados.

Em principios de Outubro já os alemães se encontravam regressados à sua antiga colonia, tendo novamente passado o Rovuma e abandonado o territorio portuguez. Em meados de Outubro as colunas portuguezas subjugaram alguns elementos indigenas, que os alemães na sua passagem tinham tornado insubmissos, emquanto que pelo seu lado as colunas britânicas continuavam a perseguir para o Norte do Rio Rovuma, o restante da coluna inimiga, que conseguira voltar à sua antiga colonia, depois de uma digressão superior a dez meses, conservando-se a coluna adversa ainda valorizada pela presença dos seus prestigiosos chefes, embora somente conservasse jurisdicção unicamente no terreno que pisava.

Finalmente a 11 de Novembro de 1918, foi assinado na Europa o armistício determinando a evacuação das forças alemãs da Africa Oriental, as quais foram obrigadas a entregar-se no dia 14, falhando um fecho militar local a tão interessante campanha; mas não podendo o adversário evadir-se da sua antiga colonia, donde tinha sido varrido, mas onde tinha

regressado com uma tenacidade digna de melhor causa. Digno de estudo comparativo será observar o derradeiro movimento do inimigo, atravessando mais uma parte da sua antiga colônia, para se ir ainda internar na vizinha colônia inglesa da Rhodesia, onde por fim, os seguintes efectivos se entregaram, com o seu comandante Von Lettow:

30 oficiais alemães.

125 graduados alemães.

1165 askaris.

1516 carregadores.

13 chefes indigenas.

283 serventes indigenas.

819 mulheres indigenas.

Destas forças foram repatriados para a Europa os alemães.

Assim deverá ficar extinta a soberania colonial de uma nação, que evidenciou uma mentalidade feroz e refalsada, cujo reflexo citámos nalguns episodios desta campanha.

Tarde assumiu o comando britânico as responsabilidades do comando unico e alem disso as repetidas dificuldades referidas nesta sumaria descrição tornaram demorado o epilogo desta campanha, da qual partilhamos com honra e sacrificio, honra comprovada em testemunhos diversos, e sacrificio que as estatisticas devem demonstrar, não devendo passar despercebidos estes factos, mas sim despertar interesse sobre os nossos dominios coloniais,¹ que nos valorizam perante as nações do mundo.

Se bem que realizada a conquista da Africa Oriental Alemã, entretanto o destino futuro das colônias alemãs ficará dependente das condições da paz definitiva. Se na Europa vimos a Alemanha pretender ligar a evacuação da Belgica à retrocessão das suas antigas colônias, mais essa ligação se salienta, observando que, os belgas ocupam uma parcela da antiga colônia alemã na Africa Oriental, cuja superficie é seis vezes superior à da Belgica.

Mais ainda podemos notar, que a antiga colônia alemã no

¹ Agradecemos ao «Seculo» edição da noite de 12 de Agosto, a transcrição da «Rendição dos alemães no Sudoeste Africano»; n.º 7 da Revista Militar de 1918.

Sudoeste de Africa, foi desde logo após a sua conquista, incorporada na União Sul Africana, enquanto que relativamente à colonia da Africa Oriental, em situação geografica mais especial, parece com ela constituir-se uma especie de penhor, cujo destino tem sido duvidoso, e pela palavra dos grandes estadistas britânicos, o seu problematico futuro tem acompanhado as flutuações dos sucessos militares da Europa.

Por ultimo revertendo aos celebres catorze articulados propostos na mensagem do presidente Wilson ao Congresso em 8 de Janeiro de 1918, definindo os fins da guerra, vemos que, o quinto artigo dizendo respeito às colonias, tem latitude para incluir as interpretações mais diversas nas justiceiras, mas imprecisas palavras, que muito nos devem fazer reflectir, ao proporem: acordos imparciaes ácêrca das colonias.

Outras palavras, porem precisas, do presidente Wilson, podemos registar com o fim de nos inculcar animo perante a cobiça do estrangeiro e as responsabilidades consequentes da posse herdada de um imperio colonial 23 vezes superior à metropole em superficie, e o qual todos os portuguezes querem transmitir intacto; essas palavras proferidas no Congresso em 2 de Abril de 1917, deviam ser gravadas nas paredes das nossas escolas, para que as gerações futuras soubessem o fim porque partilhamos na grande guerra: — «Estamos no começo de uma nova era, na qual será affirmado, que as mesmas normas de conduta e responsabilidade pela violencia, deverão ser mantidas entre as nações e seus governos, como são mantidas individualmente entre os cidadãos dos estados civilizados.» E assim, não será provavel repetir-se a violencia de Quionga.

Novembro 1918.

E. A. MARTINS

Ten. coronel

COMO OS INGLESES RECRUTARAM E INSTRUIRAM OFICIAIS PARA O SEU GRANDE EXERCITO ¹

Este sistema cessou em Fevereiro de 1916, começando outro mais metódico e progressivo, que ficou existindo até o fim da guerra.

Deixaram desde então de ser concedidos postos temporários de oficial, excepto para alguns corpos especiais, a individuos que não servissem já nas fileiras do exercito, pois qualquer candidato a oficial tem que ser proposto precisamente pelo comandante do respectivo regimento.

Se a proposta é aprovada pelo general comandante da brigada e pelo Ministerio da Guerra (War Office), o candidato é mandado para um corpo de cadetes receber instrução especial.

Destes corpos há um ou mais por cada arma e serviço do exercito, sendo portanto mais numerosos os de infantaria.

O sistema de organização e de educação é igual para todos. A duração do curso é de quatro meses e, enquanto permanecem na escola, os candidatos conservam o mesmo posto que tinham na respectiva unidade, sargento, cabo ou soldado com o qual, se não são julgados com as faculdades necessárias para oficial, regressam ao corpo de procedencia, não havendo assim as dificuldades que com o anterior sistema existiam para fazer voltar às fileiras quem já disfrutava a patente de oficial.

Com a implantação do serviço obrigatório, passando já pelas fileiras individuos de todas as classes e dentre os quais os melhores podem ser escolhidos para oficial, desapareceu a razão de ser das antigas O. T. C., das quais ficaram existindo,

¹ Continuado da *Revista Militar*, n.º 4, de Abril de 1919, pag. 219.

segundo se diz, duas apenas, que ministram instrução preparatória de alguns meses a vários estudantes que não atingiram a idade do alistamento.

Durante os quatro meses do curso, os cadetes de infantaria estudam e exercitam-se praticamente em tactica, fortificação de campanha, lançamento de granadas, guerra de trincheiras, precauções contra os gazes e assistem a conferencias sôbre disciplina, educação moral, administração, deveres de serviço, causas e história da actual guerra, saude militar, topografia, primeiros curativos, participações e relatórios e outros assuntos respeitantes aos deveres do official.

As questões consideradas com mais atenção são: condições para o comando; confiança em si próprio; conhecimento da cooperação com as outras armas; leitura de cartas; regulamentos militares e código de justiça.

Para o comando dêstes corpos ou escolas de cadetes, foram escolhidos officiais do primitivo exército, conhecidos como homens que sempre haviam tido o serviço militar como exclusiva profissão e amantes das tradições do exército inglês, com o fim de infundir nos novos exércitos o espírito que animava o antigo.

Na educação moral dos aspirantes a official, dois são os pontos a que se presta grande atenção: primeiro, habituar ao comando aqueles que até então não tinham feito mais do que obedecer, questão que é da maior importância quando se trata de homens oriundos de classes sociais inferiores; segundo, que, enquanto permanecem nos batalhões de cadetes, desapareça toda e qualquer distinção entre êles, colocando sob pé de absoluta igualdade a soldados, cabos e sargentos que seguem o curso, assim como aos procedentes das classes mais aristocraticas e abastadas e àqueles cuja educação não foi tão esmerada.

Servem de aquartelamento a quatro dêstes batalhões as Universidades de Cambridge e Oxford, dois em cada uma. Nelas cursavam as suas carreiras os filhos das classes mais poderosas da Inglaterra; a instalação é luxuosissima e o que cada aluno nelas gastava anualmente não é compreensivel em países de médias fortunas.

Toda esta instalação foi posta à disposição dos batalhões de cadetes, nos quais se contam muitos filhos de operários e

camponeses, com o fim de que esse ambiente de todas as tradições da velha Inglaterra, de que a recordação de todos os grandes homens que por ali têm passado, lhes desperte as naturais ambições, lhes rasgue novos horizontes e os ajude a sentir o orgulho e a ambição necessárias à psicologia do oficial.

Curso para oficiais subalternos

Para desenvolver e aperfeiçoar a instrução do oficial, muito deficiente, como era natural e se deduz do que fica exposto, assim como para que alguma instrução fosse ministrada àqueles oficiais que, pela urgencia com que a presença das suas unidades fora reclamada no teatro da guerra, nenhuma haviam chegado a receber, organizaram-se várias escolas, umas em Inglaterra, outras em França, pelas quais passam, por períodos de maior ou menor duração, todos os oficiais.

Para a admissão nestas escolas, o oficial deve ter prestado, pelo menos, tres meses de serviço como subalterno, e o programa dos estudos visa não só a aperfeiçoá-lo no comando do pelotão, como a prepará-lo para o da companhia. Nestas escolas, que se podem qualificar de preparatórias para a promoção, o curso é de oito semanas, durante as quais se ensinam os deveres inerentes aos capitães, a tactica da companhia e do batalhão, resolução de problemas tacticos sôbre o terreno com o fim de inculcar nos oficiais a convicção de que a guerra de trincheiras não é o único meio de combate que se podem ver obrigados a empregar, e ainda se desenvolvem os conhecimentos sôbre topografia, tiro e fortificação de campanha.

Além destas, existem também escolas para várias especialidades, tanto na zona de guerra como em Inglaterra, entre ellas as de tiro, das quais ha em França uma por cada exército inglês, as de esgrima de baioneta, de lançamento de granadas de mão, de morteiros de trincheira, de gazes, de gymnastica, etc.

Curso para capitães e oficiais superiores

A organização dêste curso foi estabelecida com o fim de «proporcionar mais desenvolvida instrução a oficiais escolhidos e prepará-los para o comando do batalhão».

Os oficiais designados para o freqüentar são capitães, maiores e até tenentes-coroneis, pertencentes quer ao exército regular, quer ao territorial, quer aos novos exércitos e muitos dêles contam já mais de um ano de presença na zona de guerra.

Os instrutores pertencem ao exército regular e são escolhidos por forma que não só conheçam praticamente como teoricamente as disciplinas que são chamados a professar.

A cada grupo de dez alunos é destinado um instrutor, para que o ensino seja bastante intenso e ao mesmo tempo para que cada instrutor possa avaliar bem o grau de capacidade dos respectivos instruendos.

O sistema seguido consiste em recordar a instrução militar desde as noções mais elementares: tactica, começando pela individual do recruta, até à do batalhão; resolução de problemas tacticos inerentes às diferentes unidades até o batalhão; tiro; granadas de mão; emprego de metralhadoras e equitação.

Juntamente com esta instrução prática, são-lhes feitas conferencias não só pelos respectivos professores como por officiais superiores de diferentes repartições do War Office (Ministério da Guerra), e ainda por vários lentes das Universidades, sobre o emprego das diferentes armas do exército, problemas da guerra, estratégia e história militar.

Preparação de officiais para o serviço do estado maior

Nesta importantissima parte da organização militar, tão difficil de improvisar e na qual a falta de prática só pode ser compensada por vastos conhecimentos e grande estudo, que permitam resolver os variados e numerosos problemas que diariamente se podem apresentar sobre organização e funcionamento das diferentes armas e serviços do exército, foi onde, como era natural, mais difficuldades surgiram, havendo contudo auxiliado bastante a suprir as suas deficiencias e ao mesmo tempo a proporcionar algum treino ao respectivo pessoal, a relativa imobilidade em que até muito recentemente¹ permaneceram os exércitos beligerantes na frente occidental.

¹ Isto era escrito em 1917 ou princípios de 1918.

Como se sabe, todos os estados maiores das grandes unidades inglesas, até à divisão inclusivé, estão divididos em tres repartições: a do Estado Maior General (The General Staff); a do Ajudante General e a do Quartel-Mestre General.

Antes da guerra os oficiais que desejavam prestar serviço no Estado Maior seguiam um curso de dois anos no Staff College (Escola de Guerra) e muitos dos destinados ao serviço do Quartel Mestre General estudavam a'ém disso problemas administrativos e económicos na Escola de Economia Politica de Londres.

Em 1914, ao romper a campanha, a Escola de Guerra foi encerrada e os novos oficiais nomeados para o serviço do estado maior *não receberam nenhuma instrução especial*; guiavam-se pelo que viam fazer aos companheiros e iam aprendendo os seus deveres dirigidos por êstes.

O contínuo aumento do exército e as naturais baixas causadas pela guerra, tornavam cada dia mais difícil a missão de muitos oficiais já instruídos e que serviam, por assim dizer, de base ao serviço do estado maior.

No inverno de 1915-1916 iniciou-se um sistema em França, logo reproduzido em Inglaterra, que consistia em os oficiais julgados aptos para o serviço do estado maior serem escolhidos pelos chefes de quem dependiam e enviados a tirocinar nos quartéis generais das forças do Reino Unido.

Se manifestavam possuir a necessária aptidão, eram agregados a um estado maior do Corpo expedicionário para completar a respectiva instrução e, logo que houvessem demonstrado sufficiente prática, admitidos de vez no estado maior.

Como se vê, êste sistema padecia não só do defeito de deixar de lado todo o ensino teórico, como sobretudo de ainda os melhores tirocinados só conhecerem a parte dos serviços do estado maior concernentes ao quartel general a que haviam estado agregados.

Em Abril de 1916 introduziu-se-lhe uma variante no sentido de organizar tal serviço debaixo de um ponto de vista mais amplo. A escolha do pessoal passou a ser feita pelos generais comandantes das grandes unidades entre os oficiais que tinham prestado serviço em estados maiores de regimento, nos quartéis generais, ou haviam demonstrado possuir capacidade administrativa.

Entre os escolhidos, o Ministério da Guerra designava certo número para praticar durante um mês num estado maior; em seguida eram ainda seleccionados os melhores, os quais passavam a frequentar um curso especial de instrução, de cinco semanas de duração. Este curso, por sua vez, foi dividido em dois: um destinado aos postos superiores; outro para subalternos e capitães.

O programa de estudos é uma redução, e muito abreviada, do curso professado anteriormente à guerra e, por falta do tempo necessário, não se incluye nêle matéria tão importante como é o ensino da história militar.

Os oficiais assistem a freqüentes conferências sôbre assuntos relacionados com o serviço que serão chamados a desempenhar, tais como:

Organização do exército e distribuição dos vários serviços do estado maior;

Abastecimento das tropas, desde a respectiva base;

Abastecimentos em marcha e em combate;

Estacionamentos;

Redacção e transmissão de ordens gerais nas brigadas e divisões;

Organização dos serviços administrativos e de saúde;

Aviação. Parques. Metralhadoras, etc.

Congenere da Escola de Guerra assim creada em Inglaterra, outra passou a funcionar junto do exército de operações em França.

O sistema dos generais proporem os oficiais que hão-de ser designados para a frequência dos cursos do estado maior, apresenta o inconveniente, que já algumas vezes se revelou, de serem tais oficiais indicados pelos comandantes dos regimentos e êstes, egoistamente, não querendo privar-se dos que lhes são mais uteis, recomendam subordinados que não dispõem das qualidades necessárias.

Este mesmo inconveniente se tem manifestado quando da requisição de oficiais para serem enviados com postos de acesso para as novas unidades que vão sendo criadas, e tal facto desperta, como é natural, profundo desgosto entre a officialidade, especialmente por causa do grandissimo desejo, aliás muito justificado depois de quatro anos consecutivos de guerra, de mudar de situação e deixar a aspera vida das trincheiras.

De tudo quanto fica exposto se deduzem as grandes dificuldades com que houve de lutar para improvisar oficiais em Inglaterra.

Essa officialidade deu porém quanto dela se podia esperar, atenta a pouca instrução militar que recebera; demonstrou uma bravura a toda a prova, absoluto desprezo pelo perigo e inexcedível abnegação, gozando de toda a confiança do soldado.

Só é para lastimar que a falta de profundos conhecimentos militares, do que aliás não é responsável, faça que não possam ser melhor aproveitadas muitas das suas qualidades.

Por todas estas circunstâncias, considero admiravel o trabalho desses officiaes. Com o espirito que os anima e o seu elevado moral supremo o que lhes falta em instrução, e, possuidos da ideia do cumprimento do dever, obedecem cegamente ás ordens que recebem, o que é um grande passo no caminho da victoria.

Não devo occultar que me foi de grande utilidade para este trabalho, o livro *Raising and Training the New Armies*, do capitão Williams, pelos dados que d'elle pude extrair¹.

Trad. de

P. S.

¹ Desnecessário é notar que este relatório do adido militar espanhol em Londres foi elaborado e apresentado ainda no decurso da guerra, talvez em 1918, mas alguns meses antes da conclusão do armistício.

Porque não serão dados à publicidade entre nós os relatórios dos adidos militares portugueses, hoje tão numerosos e alguns até já com adjuntos?

O serviço de contabilidade em campanha

Quiz o acaso que eu fosse chamado a tomar parte, como adjunto das repartições dos serviços administrativos nas campanhas do Sul de Angola em 1915 e da Flandres em 1917-1918 e, como tesoureiro do quartel general, nas manobras da 1.^a Divisão mobilizada em 1916 e, mais ainda, que fizesse parte da comissão que, por portaria de 3 de maio de 1916, foi nomeada para elaborar as «Instrucções para o serviço de Contabilidade e Fiscalização», que foram impressas e publicadas com data de 28 de Dezembro do mesmo ano e ficaram fazendo parte do Regulamento para o Serviço de Campanha.

Merece-me pois o serviço de contabilidade e fiscalização em campanha que historicamente, analisando sumariamente, a sua organização nas ultimas campanhas e manobras do nosso exercito.

Até 1915 quasi nada havia regulamentado sobre tão importante assunto, parecendo que o ramo mais transcendente da administração militar poucos cuidados dava a quem o poderia vir a dirigir, e a quem o viria a executar.

O Regulamento de Mobilização de 1906 na sua III parte, já alterada em 1913, inseria uma ou outra disposição sobre a passagem da contabilidade do tempo de paz para a de campanha.

O Regulamento para o Serviço de Campanha, que é de 1904, no numero 25 atribui aos serviços administrativos em geral, na parte relativa a contabilidade e fiscalização:

- a) a execução dos serviços de tesouraria, contabilidade e processo;
- b) a fiscalização administrativa das diferentes unidades e formações, segundo o disposto nas *Instrucções para os serviços administrativos*.

O Regulamento para o Serviço de Etapes, contemporâneo deste último, diz que ao chefe dos serviços administrativos de etapas compete: fazer processar todos os documentos de despesa apresentados pelos chefes de serviços e comandantes de etapas, dentro das devidas autorizações.

Existindo das instruções para os serviços administrativos a que se refere o Regulamento de Campanha, somente as «Instruções para o serviço de subsistências» de 1908, deviam ter sido elaboradas e publicadas as que respeitassem a fardamento e, primeiro que outras, as reguladoras do serviço de contabilidade e fiscalização.

Na Metrópole, o serviço de verificação, processo e liquidação de contas de campanhas simuladas, (manobras e escolas de repetição) ficava ligado e mesclado com outros na repartição técnica da Secretaria da Guerra ou nas suas delegações.

Identicamente, o serviço contabilidade das tropas que entravam em operações nas nossas colónias, jámais se desprendia das repartições e delegações permanentes de administração militar e das repartições de fazenda civil, coartando estas a indispensável liberdade do comando e deprimindo os serviços técnicos do exercito.

E, no fim, tudo batia certo, dizia-se; porem este fim era precedido de uma demora e embaraços que, se não prejudicavam os interesses do Estado, em nada os favoreciam.

É verdade que, nem as manobras e escolas de repetição na Metrópole iam além de duas semanas, nem nas colónias se empregavam grandes efectivos em operações demoradas; no entanto a parte instrutiva da contabilidade em campanha ficava completamente prejudicada.

Foi em principios do ano de 1915 que se encontraram no Sul de Angola, em serviço das operações, para cima de 15.000 homens de tropas da Metrópole, Moçambique e Angola, auxiliares europeus e carregadores indigenas, divergindo os seus vencimentos, alimentação e fardamento. As linhas de etapas eram extensissimas e os transportes numerosos e variados. Por conseguinte os serviços administrativos deviam adquirir um desenvolvimento nunca visto no nosso Ultramar.

Organizar e regulamentar os serviços de contabilidade e fiscalização seria trabalho difícil naquela altura, mas não havia outro remédio, para quem não desejava vêr os créditos por mãos alheias, senão meter-lhe ombros. Assim o pensou e melhor o executou a repartição dos serviços administrativos do Comando das Forças Expedicionárias, sob a competente direcção do respectivo chefe então major do serviço de administração militar sr. Francisco Achemann.

Auxiliados pelas normas dos Regulamentos de Campanha e de Etapes e pelas disposições de 1906 relativas á expedição ao Cuamato, coordenamos um projecto de instruções, disposições novas e antigas sobre a organização e funcionamento dos serviços de contabilidade e fiscalização das unidades e formações que iam colaborar na campanha.

Com data de 28 de abril de 1915 eram impressas e publicadas no Sul de Angola, por ordem do comando, as primeiras «Instruções para o serviço de contabilidade e fiscalização que determinavam sobre:

- a) organização e missão das repartições dos serviços administrativos;
- b) constituição e atribuições dos conselhos administrativos;
- c) vencimentos, alimentação, fardamento, material, etc.;
- d) prestação de contas, verificação e processo de despesas e fiscalização.

Foi uma grande revolução nos serviços de contabilidade que, todavia, não alcançou onde se desejava por motivo de se atender ao existente que não havia tempo de alterar¹. A esta revolução deu todo o seu apoio o falecido general sr. Pereira de Eça.

Como principal inovação, passava o serviço de verificação e processo a ser feito na zona da retaguarda numa secção especial de liquidação de contas, sob a direcção do chefe dos serviços administrativos das etapas.

Era inadiável e absolutamente necessario aliviar o chefe dos serviços administrativos do Comando Superior de traba-

¹ Num livro que tenho em preparação historio os serviços administrativos no Sul de Angola em 1915.

lios escusados que prejudicariam a sua principal missão: dirigir superiormente e com eficacia os serviços administrativos de 1.^a e 2.^a linha e auxiliar competente e conscienciosamente o comandante em chefe na direcção superior da administração das tropas.

Os assuntos novos de character administrativo que, hora a hora, surgem das consequencias e circumstancias da campanha, e exigem o estudo e resolução bem pensada do chefe dos serviços administrativos, são em numero incalculavel. E este tem a obrigação moral e o dever profissional de evitar que o comandante, que não é um tecnico, prevarique inconscientemente.

Embora nunca tivessemos praticado nos serviços de contabilidade e fiscalização em campanha, ocorreu-nos, aos officiais da repartição dos serviços administrativos, que os serviços de tal natureza como são a verificação de contas e processo de despesas, não deviam executar-se a não ser em estacionamentos prolongados e ao abrigo de qualquer mudança brusca que fizesse paralisar os serviços ou extraviar documentos. Nem havia vantagem sensivel em que tais serviços funcionassem junto das tropas em 1.^a linha.

Colocando estes serviços na repartição dos serviços administrativos de etapes para onde todas as unidades e formações enviariam mensalmente as suas contas e de onde as receberiam devidamente liquidadas obedecia-se quer ao Regulamento de Campanha, quer ao de Etapes.

O principio fundamental da contabilidade militar está em que as unidades e formações enviem, para verificação e processo, as contas dum mez até determinado dia do mez immediato e que dentro deste mez as mesmas contas estejam liquidadas e devolvidas á procedencia.

Contabilidade militar que se desvie deste principio é contabilidade condenada, como condenada está toda a administração que se atrasa por qualquer motivo.

Para que o mesmo principio não falhasse em Angola, tentou-se simplificar o mais possivel a contabilidade regimental e dotar, com o pessoal necessario, a secção de contabilidade e liquidação de contas.

Tres mezes depois da criação desta secção, reconheceu-se que o seu movimento e a sua importancia eram superiores á

primeira expectativa e logo se lhe deu a precisa autonomia, transformando-a em repartição com um capitão e 5 subalternos do S. A. M.

Atribuições tão vastas e tão diferentes entre si, como são as concernentes aos serviços de subsistencias, fardamento e contabilidade de quasi uma divisão, não deviam continuar a sobrecarregar um só homem, por isso, para chefe da nova repartição foi nomeado o capitão Bento de Menezes, que exercia o cargo de chefe dos S. A. de etapes, não só por ser o imediato em graduação ao chefe dos S. A. do Comando Superior, mas ainda pela sua competencia.

Os serviços de subsistencias e fardamentos de etapes foram confiados a outro capitão do S. A. M.

O major do S. A. M. sr. Lára Moreira, ao assumir a chefia dos serviços administrativos da expedição a Moçambique em 1916, fez elaborar para essa expedição umas instrucções para o serviço de contabilidade e fiscalização, decalcadas nas que se publicaram em Angola, mas criando desde principio a Repartição de contabilidade e liquidação de Contas, antonoma, para funcionar na zona de etapes. Aquelas instrucções foram impressas e publicadas, ainda em Lisboa, com data de 25 de maio de 1916.

Era uma consagração dos nossos principios por uma autoridade em contabilidade militar, como é o major sr. Lára Moreira.

Distinguiram-se as gerencias dos dois distintos chefes, Achemann e Lára Moreira, embora prejudicadas constantemente por administrações anteriores e por disposições e habitos que não houve possibilidade de modificar ou destruir.

Em maio de 1916 concentrava-se em Tancos a Divisão de Instrucção com os serviços de verificação, processo e liquidação de contas a funcionar na repartição dos serviços administrativos do quartel general. O chefe desta repartição acumulava as atribuições que lhe impunham os serviços de subsistencias e fardamento com as inerentes aos serviços de contabilidade e fiscalização, porem sendo ele um dos officiaes mais instruidos e conceituados do quadro de administração militar, não poude cumprir cabalmente a sua missão. É que a

maior boa vontade e a maxima competencia sobram no mar de serviços diferentes e complexos com que as asfixiam.

Ressentiram-se os serviços administrativos da Divisão de Instrução da sua organização deficiente, porque se esqueceu que a teoria da divisão do trabalho tem nestes serviços, que compreendem varios ramos bem distintos, a sua fecunda applicação.

Em setembro do mesma anno mobilizava a 1.^a Divisão do Exercito para marchar em exercicios até ás linhas de Torres Vedras e os serviços administrativos sob a direcção do tenente-coronel do S. A. M. sr. Martins Pinto faziam imprimir e publicar com a aprovação do Comandante da Divisão, umas instruções para o serviço de contabilidade e fiscalização, inserindo disposições já apontadas, entre as quais deve destacar-se a que indicava a organização duma secção de contabilidade e liquidação de contas.

Esta secção teve por chefe um major do S. A. M. apenas tecnicamente subordinado ao chefe dos serviços administrativos da divisão para efeito de resoluções de character extraordinario a tomar pelo comando e de propostas para a melhor execução dos respectivos serviços.

Era a primeira vez que na Metropole se dava autonomia ao serviço de contabilidade militar.

Logo que a 1.^a Divisão recebeu a ordem de mobilização, a sua Inspeccção dos serviços administrativos fraccionou-se em duas partes: a 1.^a secção com o Inspector que fa ser o chefe dos serviços administrativos divisionarios marchava com a divisão; a 2.^a secção ficava na séde do quartel general permanente com o serviço de verificação e processo das contas das unidades de deposito.

A secção de contabilidade e liquidação de contas mobilizava com um major, um capitão e dois tenentes do S. A. M. para esse fim nomedos.

Esta secção apenas se deslocou para Queluz por conveniencia de instalação e não seria preciso leva-la até Torres Vedras, se motivos especiais não obrigassem o Comando da divisão a mudar-lhe o estacionamento.

Pela Inspeccção dos serviços administrativos da 1.^a Divisão foram enviados, aos conselhos eventuais das unidades de de-

posito, gerentes dos fundos das unidades activas até ao regresso destas, instrucções elucidativas da separação da contabilidade do tempo de paz da de campanha.

A mobilização e o serviço de alguns membros da comissão que elaborava as "Instrucções para o serviço de contabilidade e fiscalização" para complefar a 2.^a parte do Regulamento de campanha, obrigou-os a uma dispersão que muito prejudicou os trabalhos da comissão e fez demorar a sua finalização.

Somente em janeiro de 1917 puderam ser distribuidas aquelas instrucções, com data de 25 de Dezembro de 1916 mandadas pôr em execução,

Sabia-se que a repartição dos serviços administrativos das forças que se estavam concentrando em França, não tinha antes de marchar procedido como as suas congéneres de Angola (1915), Moçambique (1916) e da 1.^a divisão mobilizada; e que, a respeito de contabilidade, a mesma repartição tinha apenas as instrucções dos decretos n.ºs 2865 e 2866 de 30 de novembro de 1916, sobre vencimentos, subsidios, pensões e reformas, que o Ministerio da Guerra, por motivo de urgencia extratou do projecto da comissão de que eu fazia parte. Calculava eu que os serviços administrativos do corpo expedicionario português, logo que recebessem as instrucções de 25 de dezembro, elaborassem, por elas, as instrucções especiais que não poderia deixar de precisar o serviço de contabilidade do referido Corpo, porque aquelas instrucções, como todas as que compõem o Regulamento de campanha, inserem normas gerais de applicação, que precisam de especializar-se quando se opera nas colonias ou no estrangeiro.

Quando, porem, em setembro de 1917 assumi a chefia da secção de fardamento da repartição dos serviços administrativos do C. E. P., notei que ainda não existiam as instrucções que tinha em mente.

Disposições isoladas e dessiminadas pelas ordens de serviço, á mistura com outras das instrucções do Regulamento de Campanha, em execução em parte ou no todo, regulavam confusamente o serviço de contabilidade e fiscalização.

Tinha sido criada uma secção de contas com o exercito Britanico, dependente da Repartição dos Serviços Admi-

nistrativos do Corpo e funcionando 20 quilometros á sua frente.

Seria ociso sintetizar tudo quanto no C. E. P. me chamou a atenção a respeito de contabilidade, nem a tentativa de organizar o serviço de fardamento me deixava tempo para tomar apontamentos suficientes.

Uma parte, talvez o principal, feriu as minhas susceptibilidades de colaborador da organização do serviço de contabilidade em campanha.

As instrucções do Regulamento de Campanha dizem que o serviço de verificação, processo e liquidação de contas de cada divisão ou direcção de etapes deve ser executado na respectiva secção de contabilidade e liquidação, e o do quartel general do grupo de divisões numa das secções das divisões.

Isto implicava para o C. E. P. a constituição de 3 secções de contabilidade e liquidação, uma para cada divisão e a terceira para as tropas de etapes ou da Base.

Os quadros organicos do Regulamento de Mobilização publicados em 1915 davam para cada secção de contabilidade, um major, um capitão e dois subalternos do S. A. M; era de esperar, portanto, que tivéssemos em França uma repartição autonoma, compreendendo não só as tres secções mas ainda a de contas com o Exercito Britanico.

Esta ultima secção, depois do 9 de abril, foi instalar-se em Paris-Plage o que prova que não havia necessidade de a ter junta dos serviços administrativos da frente.

Saindo da minha esfera do fardamento, ainda me aventurei a propôr a organização que acabo de indicar e um official superior para tudo dirigir.

O serviço de verificação, processo e liquidação de contas do C. E. P. fazia-se na repartição dos serviços administrativos da Base que se compunha de 4 secções a saber:

As 1.^a, 2.^a e 3.^a secções destinavam-se á verificação, processo e liquidação de contas, respectivamente, da 1.^a divisão, 2.^a divisão, de tropas do Corpo e da Base; a 4.^a secção tinha a seu cargo a direcção e execução dos serviços de subsistencias e fardamento da Base.

Para dirigir as 4 secções juntas havia um major do S. A. M. e cada secção tinha, quando muito, um official.

Era pessoal por demais insuficiente. Só ao serviço de contabilidade faltaram sempre em geral dois majores e 5 subalternos do S. A. M.

O que é um facto é não ter havido para o serviço de contabilidade do C. E. P., fiscalizador dos dinheiros do Estado, a prodigalidade de oficiais que era para desejar e o serviço merecia, prodigalidade que o Exército Britânico, muito mais respeitador dos papeis e cuidadoso com contas, usava por toda a parte onde estas se liquidavam.

No entanto, oficiais do S. A. M. não eram assim em numero reduzido em todos os serviços do C. E. P., porquanto o comboio automovel, para menos de 100 camions, empregava 11 capitães subalternos afóra os subalternos do mesmo serviço.

Ainda em março de 1918, eram desmobilizados, por terem excedido os quadros de mobilização em França, 7 capitães do S. A. M. enquanto o serviço de contabilidade e liquidação de contas chegava a ficar a cargo de alferes milicianos.

Nestas circumstancias, como poderiam os serviços administrativos da Base atender aos serviços tão antagonicos e importantes da contabilidade geral e das subsistencias e de fardamentos das suas unidades, formações e depositos?

Não posso dizer-lo.

Geralmente, quando nos sobrecarregam com serviços em demasia, conforme o nosso temperamento ou os deixamos atrasar, ou os *atamancâmos*, ou ficamos inutilizados física e mesmo profissionalmente. De todas as maneiras o Estado tudo tem a perder.

Chamo pois a atenção para o serviço do contas do Exército, quasi sempre descurado por parecer que não merece a capital importancia a que tem jus.

É indispensavel que jamais se deixe de dar a autonomia, hoje já regulamentar, e pessoal suficiente, ao serviço de contabilidade e fiscalização. E este pessoal deve ser do mais competente e criterioso, dadas as responsabilidades, principalmente pecuniarias, que assume.

Jamais o serviço de contabilidade e fiscalização deve ser executado na mesma repartição onde funcionam os serviços de subsistencias e de fardamento, como nunca pensaram em executa-lo na repartição do serviço veterinario.

Entre aqueles serviços ha mais differença e mais incompatibilidade, que entre o serviço telegrafico e o serviço de engenharia é, todavia, estes é que teem andado sempre separados num quartel general.

A independencia relativa dos serviços de contabilidade e fiscalização impunha-se no C. E. P., como se tinha imposto em Angola, em Moçambique e na 1.^a Divisão mobilizada, e ha de impôr-se todas as vezes que queiramos ter contas em dia e ver funcionar regularmente a administração das tropas.

Ainda havemos de reconhecer que, emquanto os serviços de subsistencias e fardamento, ficam no nível dos de engenharia, telegrafico, artilharia, etc., o serviço de contabilidade e fiscalização, que incide sôbre todos eles, que todos abrange para fiscalizar a sua administração, merece uma categoria superior.

As responsabilidades de um comandante de tropas em campanha estão divididas entre o comando e a administração.

As deficiencias no comando podem acarretar a perda de vidas e a demora ou impossibilidade da vitoria; os erros na administração podem fazer aumentar os encargos dos contribuintes, comprometer as finanças do Estado, dificultando a vitoria tambem.

J. A. COSTA JUNIOR

Cap. da adm. militar.

Instruções para o emprego das metralhadoras no ataque

(Documento apanhado aos alemães e publicado pelo *Journal of the Royal United Service Institution*).

Fevereiro de 1918.

I

Deve tirar-se todo o partido possível do grande efeito moral e material do fogo de metralhadoras no ataque de infantaria. Os grupos de metralhadoras devem combater em íntima cooperação com os grupos armados de espingarda, tendo cuidado em se não estorvarem mutuamente na sua acção.

Passou o tempo em que era suficiente empregar as metralhadoras com o fim de obter um éxito isolado em pontos decisivos no combate de infantaria. O valor da metralhadora na defesa está bem conhecido, mas o seu valor no ataque só agora se está começando a compreender.

A experiência adquirida nos combates mais recentes, demonstra que só o numero das metralhadoras com as suas missões multiplas impõe a necessidade de se tomarem continuamente medidas para a direcção da sua actividade. Começada a batalha, depressa virá o momento em que as ordens já não chegam ao seu destino. Então cada um tem que actuar segundo a sua própria iniciativa e é êste especialmente o caso que se dá com as secções de metralhadoras pesadas, que estão sendo empregadas como unidades isoladas á retaguarda da primeira linha. Por estas razões é necessario, especialmente para o ataque, o estabelecimento dos principios que devem reger o emprego das metralhadoras; necessaria é tambem a instrução dos chefes subordinados e das tropas de harmonia com esses principios.

II

A organização de um ataque projectado é a condição essencial do seu éxito.

Os chefes, assim como as tropas, devem possuir um conhecimento perfeito do terreno; das condições para combater e do objectivo da batalha; e devem receber uma instrução reflectida, no terreno, sôbre os detalhes do plano de ataque. O chefe carece de receber uma idea clara e não demasiado restrita da missão que se exige dos seus homens. A tropa deve estar convencida de que o ataque foi preparado conscienciosamente e possuir um conhecimento perfeito do que lhe cumpre executar.

A observação e o reconhecimento com metralhadoras, empregar-se-ha para completar outros meios de obter informação, nos casos em que as particularidades da arma exijam medidas especiais (por exemplo, reconhecimento das linhas defensivas do inimigo, mapas esclarecidos por fotografias, determinação da altura das trincheiras inimigas comparada com a das nossas proprias trincheiras no ponto inicial do assalto). As posições das metralhadoras da zona avançada de batalha do inimigo devem ser localizadas. O reconhecimento do terreno que se ha-de atravessar é de importancia especial para as metralhadoras ligeiras, das quais se espera que levem até á posição adversa o ataque dos infantes de equipagem mais ligeira. Além disso, as metralhadoras pesadas requerem instruções que regulem o seu avanço, sector por sector, e que facilitem o seu emprego posterior. Antes do ataque devem conhecer onde está a seguinte posição para o seu fogo.

III

Dispõe-se das seguintes metralhadoras para o ataque:

- a) Metralhadoras ligeiras das companhias de infantaria;
- b) Metralhadoras pesadas da infantaria (uma companhia de metralhadoras por cada batalhão),
- c) Destacamentos de metralhadoras servidos por atirado-

res especiais (compondo-se cada destacamento de três companhias), que serão destinados aos sectores de ataque conforme as necessidades.

No ataque estas diferentes classes de metralhadoras procederão pela seguinte forma:

1.— Os grupos de metralhadoras ligeiras (cada um de um graduado e oito soldados com uma metralhadora ligeira), que se munirão para uma acção independente (espingardas, pistolas, granadas de mão, utensilios para entrincheirar) e formam, devido á sua grande mobilidade e á potencia do seu fogo concentrado, o **esqueleto do ataque de infantaria**. Podem continuar o combate pelo fogo, se fôr necessario, sem auxilio algum dos grupos de infantaria. Deve fazer-se um esforço para formar dois dêstes grupos de metralhadoras em cada pelotão de infantaria de modo que se possam apoiar mutuamente pelo seu fogo.

Desde as trincheiras donde se inicia o assalto, os grupos de metralhadoras avançam o mais que possam (se for possivel, antes que cesse o bombardeamento preparatorio da artilharia e dos morteiros de trincheira) como «pontos offensivos» («nidos offensivos»). A sua acção consiste em assegurar o avanço da sua propria infantaria dentro dos sectores, que lhe hajam sido designados; e tratar de dominar o fogo da primeira linha do inimigo e de qualquer metralhadora adversa, que haja permanecido intacta. O fogo das metralhadoras avançadas ligeiras se abrirá repentinamente, imediatamente depois que cesse o bombardeamento preparatorio da artilharia e dos morteiros de trincheira; cessará quando a linha avançada penetre na posição do inimigo. Estes grupos de metralhadoras seguem a linha avançada (primeira onda).

Outros grupos de metralhadoras fazem parte desta linha. O seu lugar é junto dos comandantes de pelotão. Durante o avanço, abrem o fogo desde curta distancia; tomam parte no aniquilamento das trincheiras inimigas e formam a principal potencia de fogo dos pelotões, que impelem até ao objectivo inicial do assalto. Aí os grupos de metralhadoras se entrincheirarão imediatamente, cobrirão a reorganização das tropas assaltantes e perseguirão o inimigo em retirada pelo seu fogo. Se ocorrem aglomerações na linha, os grupos de metralhadoras que seguem preencherão os intervalos desguarnecidos, já

ocupando-os, já por meio do seu fogo. Se os grupos de metralhadoras avançados encontram resistencia, entrarão em um combate de fogo, dominando o fogo do inimigo pelo seu proprio fogo, habilitando dêste modo os grupos de infantaria e os grupos de metralhadoras que os seguem, a chegar até ao inimigo.

As linhas (ondas) posteriores, por iniciativa propria, substituirão qualquer baixa na primeira linha entre os grupos de metralhadoras e os grupos de atiradores.

Os grupos de metralhadoras serão avançados com o fim de formar uma linha avançada, ainda que se haja de cobrir uma distancia consideravel antes de chegar aonde está o inimigo.

Se o efectivo combatente não permite a formação de grupos especiais de atiradores, os grupos de metralhadoras podem ser reforçados correspondentemente. Graduados especialmente valentes e de sangue frio devem seleccionar-se para chefes dêstes grupos. O comandante do pelotão de infantaria estará com um dêsses grupos.

É dever de todos os chefes, á medida que o ataque progrida, manter completa a força afecta ás metralhadoras ligeiras e tomar as disposições necessarias para o abastecimento continuo das munições. Se as metralhadoras ligeiras forem apoiadas dêste modo, a sua mobilidade e potencia combatente serão suficientes para as maiores exigencias.

2. — Os grupos de metralhadoras pesadas devem, no combate de infantaria, auxiliar sobretudo o progresso do ataque dos grupos de metralhadoras ligeiras. Apoiam as metralhadoras no seu combate contra os aeroplanos de batalha e tanques. Pela sua distribuição em profundidade, deverão oferecer uma segurança permanente contra os contra-ataques do inimigo, mesmo durante o movimento de avanço de uma ofensiva. Pelo modo como estão sempre escalonados, devem, mesmo durante o avanço, estar sempre em posição de poder fazer sentir um fogo decisivo sôbre um flanco, como protecção contra qualquer movimento de flanqueamento adverso.

Na preparação para o ataque, não podem haver dificuldades no emprego das metralhadoras pesadas de maneira a puderem cumprir todas as missões, uma vez que os planos estejam bem concebidos. Naturalmente, é essencial que se dis-

tribuem novamente em profundidade para o ataque, antes de que saiam das suas posições iniciais. Se eventualmente o ataque se converte num movimento de avanço constante, a iniciativa, preparada pela instrução dos chefes subordinados de metralhadoras, deve ser posta em pratica.

Na cooperação das varias armas no campo de batalha, as metralhadoras pesadas formam o elo que liga os lança-bombas e os canhões de campanha. Em virtude da sua mobilidade, devem entrar em acção apoiando o ataque, especialmente naqueles pontos onde as armas mais pesadas não possam cooperar, devido á rapidez do avanço.

O fogo contra metralhadoras inimigas não é a sua missão principal; os *Granatwerfer* y *Minenwerfer* (lança-granadas e lança-bombas) são mais próprios para essa missão. No emprego das metralhadoras pesadas, o objectivo a ter presente consiste na produção do maior efeito do fogo possível nos pontos onde a infantaria adversa está combatendo numa luta decisiva.

Como princípio, as metralhadoras pesadas empregam-se em secções, áparte da infantaria. O seu lugar nas linhas de infantaria é sómente quando estas ultimas necessitam um aumento repentino da intensidade do seu fogo e quando a cooperação das metralhadoras pesadas desde as suas posições de profundidade (por cima ou através dos claros) ou desde um flanco, seja impossivel. Nestes casos adaptam-se aos movimentos da primeira linha e fazem parte da companhia de infantaria.

As posições de reunião das metralhadoras pesadas, devem ficar ocultas as vistas do inimigo e deve aproveitar-se toda a vantagem que ofereça o terreno para a eficiencia do fogo. Como princípio, evitam-se todos os sitios descobertos.

É essencial que se haja executado a tempo uma exacta avaliação de distancias.

(Continúa.)

(Do *Boletin del Ejército*, de Cuba. Trad. de M. e A.)

Quadro de Honra do Ultramar Português

Baixas na Africa Oriental desde 1914

Mortos por doença adquirida em serviço de campanha:

Regimento de infantaria n.º 28:

Soldado n.º 382, 9.^a companhia, José Gonçalves Aranha.
 » » 557, » Joaquim Maria Santos.
 » » 414, 10.^a » Moisés da Silva Leitão.
 » » 442, » » José Lopes Vieira.
 » » 452, » » Manuel Fernandes.
 » » 481, » » José Tinoco Sant'Ana.
 » » 484, » » António Martins.

Segundo sargento n.º 431, 11.^a companhia, António Aires.

Soldados, 11.^a companhia:

N.º 42, José Abreu.
 » 440, Manuel Ferreira da Silva.
 » 447, Pedro Pacheco.
 » 458, Francisco Sousa Pinto.
 » 469, António de Oliveira Reimão.
 » 470, Alfredo José da Fonseca.
 » 477, Custódio da Silva.
 » 478, Augusto Ferreira da Silva.
 » 519, José Miranda.

Soldados, 12.^a companhia:

N.º 254, Manuel Domingues.
 » 454, José Barros Castro.
 » 459, Adão de Melo.
 » 460, António Pereira.
 » 472, Joaquim Fernandes da Silva.
 » 525, Agostinho Moreira Costa.
 » 533, António Filipe.

Regimento de infantaria n.º 29:

Primeiro cabo n.º 453, 9.^a companhia, António da Silva.

» » 358, » Carlos Augusto P. de Almeida.

Soldados, 9.^a companhia:

N.º 463, Albino Joaquim Marques.
 » 482, Evaristo António Gonçalves.
 » 545, José Maria da Silva.
 » 550, António de Carvalho.
 » 571, Francisco Gomes de Azevedo.
 » 597, José Nunes.

N.º 607, José António Pereira.

» 716, José Pereira de Oliveira.

» 722, Carlos Silva.

Soldados, 10.ª companhia :

N.º 268, Abílio Evangelista Lima.

» 388, Manuel José Faria.

» 393, Secundino Ribeiro.

» 438, José Augusto Ferreira.

» 513, Manuel Machado.

» 519, Porfírio Augusto Gonçalves.

» 550, António Fernandes.

» 559, Manuel Pinto Barbosa.

» 628, Augusto José Marinho.

Soldados, 11.ª companhia :

N.º 153, José António Esteves.

» 657, Manuel da Silva Chaves.

» 658, António Faustino Ramos.

» 683, António Gomes da Silva.

» 699, António Ramalho Guita.

» 730, Maximiano António Cordeiro.

Soldados, 12.ª companhia :

N.º 38, Tomás José da Costa.

» 457, Adelino Xavier Peixoto.

» 515, Cândido Francelino de Freitas.

» 521, João Albino Afonso.

» 532, Manuel Pereira.

» 571, António José Rodrigues.

» 685, Manuel de Araujo.

» 737, Joaquim Cardoso.

Unidade de depósito :

Primeiro sargento, António Augusto.

Segundo sargento n.º 439, Tobias Duarte.

Soldado n.º 57, António José Alves.

» » 149, Manuel de Castro.

» » 499, António Ferreira Pinto.

Regimento de infantaria n.º 30:

Soldado n.º 343, 4.ª companhia, António Manuel de Jesus.

» » 381, 7.ª » Joaquim Freitas.

Corneteiro n.º 288, 9.ª companhia, José do Espírito Santo Silva.

Soldado n.º 135, 9.ª companhia, Luís Manuel Tavares.

» » 141, » José Gonçalves.

» » 292, » Domingos Anjos Pires.

» » 325, » Manuel Maria Mourato.

» » 431, » Francisco António Freixedelo.

» » 466, » Inácio José Rodrigues.

Soldado n.º 365, 11.ª companhia, José Manuel Pires.

» » 44, 12.ª » António Afonso.

Soldado n.º 98, 2.ª companhia, António Augusto Garção.
 » » 141, » » Fausto do Espírito Santo Lopes.
 » » 146, » » José Joaquim Morais.

Regimento de infantaria n.º 31:

Soldado n.º 277, 1.ª companhia, António Alves.
 » » 224, » Alfredo Correia.
 » » 501, » Tristão Pereira Pacheco.
 » » 506, » Manuel Alves Nunes.
 » » 568, » Custódio Pereira.
 » » 278, 2.ª companhia, Augusto de Sousa.
 » » 390, 3.ª companhia, Alberto Vieira Leitão.
 » » 329, 5.ª companhia, David de Almeida.

Primeiro cabo n.º 186, 6.ª companhia, Eduardo Branco Evaristo.

Soldado n.º 301, 6.ª companhia, Manuel da Silva Ferreira.
 » » 373, 7.ª companhia, Edmundo Gomes de Oliveira.

Primeiro cabo n.º 546, 9.ª companhia, Adelino Correia Pinto.

Soldado n.º 416, 1.ª companhia, Manuel Teixeira.
 » » 443, » Alfredo Miguel.
 » » 151, 11.ª companhia, Francisco da Silva Tôres.
 » » 346, » Joaquim Bento da Cruz.
 » » 545, » Domingos Augusto da Cruz.
 » » 354, 12.ª companhia, António Lopes.

Regimento de infantaria n.º 33:

Soldado n.º 331, 2.ª companhia, Alvaro Ferreira.
 Primeiro cabo n.º 329, 7.ª companhia, Agostinho Rodrigues da Cunha.
 Soldado n.º 324, 7.ª companhia, António Alves da Silva.
 » » 373, » Francisco Rodrigues.
 » » 313, 12.ª companhia, Miguel José de Sousa.

3.º grupo de metralhadoras:

Soldado n.º 54, 3.ª bateria, Lourenço de Carvalho.
 » » 77, » Amaro Cardoso Martins.

4.º grupo de metralhadoras:

Primeiro cabo n.º 360, 1.ª bateria, Artur Francisco.
 » » » 258, 3.ª » Jorge de Oliveira.

Soldado n.º 233, 2.ª bateria, João Anselmo Pereira.

5.º grupo de metralhadoras:

Soldado n.º 260, 1.ª bateria, José Henriques.

8.º grupo de metralhadoras:

Primeiro cabo n.º 198, 2.ª bateria, Domingos Antonio Martins.
 » » » 199, » Alfredo dos Santos.

3.º grupo de companhias de saúde:

Segundo sargento miliciano n.º 319, 3.ª companhia, Joaquim Martins Ribeiro.

Soldado n.º 131, 8.ª companhia, José Joaquim Soares.

Guarnição de Moçambique:

Soldado n.º 32-A, 1.ª companhia europeia de infantaria, João de Sousa Junior.

Soldado n.º 148-A, 1.ª companhia europeia de infantaria, Manuel Francisco da Ponte.

Soldado n.º 346-A, 1.ª companhia europeia de infantaria, Carlos Alberto Serrano.

Soldado n.º 2:848, 1.ª companhia europeia de infantaria, Firmino Casegas.

Contingente destinado a Macau:

Corneteiro n.º 1:219, Joaquim Martins Areias.

Soldado n.º 1:198, Manuel Gonçalves.

» » 1:221, Luis Mateus de Abreu.

» » 1:232, Agostinho Simões.

» » 1:241, Paulo Patrício.

» » 1:261, José Pedro.

» » 1:307, Torquato Vieira.

» » 1:315, Vitorino Correia.

» » 1:365, António Bispo.

» » 1:405, Raúl Gruz.

» » 1:466, Custódio Nascimento Gil.

Corpo de policia de Macau:

Soldado n.º 37/1:227, António.

Guarnição de Moçambique:

Segundo sargento da 21.ª companhia indigena, n.ºs 94/203, Evaristo dos Santos.

Oficial

Capitão médico, Alvaro de Almira Amorim.

Armada:

Primeiro grumete, Augusto Domingos Morgado;

Primeiro grumete, n.ºs 2 6:115, Joaquim Rodrigues Lopes;

Primeiro grumete, Leonel G. Teixeira.

Exército metropolitano

Praças de pré

Regimento de sapadores mineiros:

Soldado da 5.ª companhia, n.º 94, José de Sousa.

Batalhão de pontoneiros:

Primeiro cabo da 3.ª companhia, n.º 56, Antonio Alves.

Batalhão de telegrafistas de campanha:

Primeiro cabo da 2.ª companhia, n.º 39, José Lopes Pereira;

Soldado da 3.ª companhia, n.º 30, Joaquim Correia.

Companhia de telegrafistas de praça:

Primeiro cabo n.º 758, Frederico Monteiro do Vale;

Soldado n.º 1:100, Joaquim Fernandes.

*Regimento de artilharia n.º 6 :*Soldado da 4.^a companhia, n.º 593, Aires Gomes.*Regimento de artilharia de montanha :*Segundo sargento da 5.^a companhia, n.º 582, Manuel Pereira dos Santos.Soldado n.º 974, da 6.^a companhia, Manuel José dos Santos;» » 897, » 1.^a » Mariano da Costa ;» » 1.072, » 6.^a » José de Sousa ;

» » 110, » » » David de Barros ;

» » 444, » 4.^a » Joaquim Carlos Brás ;» » 896, » 6.^a » José Lopes ;

» » 354, » » » António dos Santos Carrola ;

» » 441, » » » Adriano Monteiro da Silva ;

» » 869, » 1.^a » Adriano de Barros ;

» » 747, » » » António Pereira ;

» » 212, » 4.^a » Francisco de Sousa ;» » 711, » 5.^a » Joaquim Gregório ;» » 803, » 1.^a » Manuel Ferreira Valente ;» » 159, » 5.^a » José de Aguiar.*Regimento de cavalaria n.º 3 :*

Soldado do 4.º esquadrão, n.º 696, António Matias.

Regimento de cavalaria n.º 5 :

Segundo cabo do 3.º esquadrão, Manuel Perdigão ;

Soldado n.º 109, do 3.º esquadrão, Joaquim António Miguel ;

» » 179, » » » Joaquim Madaleno ;

» » 466, » » » Francisco Ernesto.

Regimento de cavalaria n.º 6 :

Soldado do 2.º esquadrão, João António Sobral

Regimento de cavalaria n.º 9 :

Soldado do 3.º esquadrão n.º 400, Raul de Lima.

*Regimento de infantaria n.º 1 :*Soldado da 11.^a companhia, n.º 535, Joaquim Gomes.*Regimento de infantaria 17 :*Primeiro cabo da 3.^a companhia, n.º 503, André Augusto.*Regimento de infantaria n.º 18 :*Soldado da 10.^a companhia, n.º 690, Alfredo Augusto da Luz.*Regimento de infantaria n.º 20 :*Soldado da 10.^a companhia, n.º 62, Manuel Marinho Moreira.*Regimento de infantaria n.º 22 :*Soldado da 8.^a companhia, n.º 535, Bernardo Henrique.*Regimento de infantaria 23 ;*Soldado n.º 307, da 3.^a companhia, José Augusto ;» » 4, » 3.^a » António Pinto ;» » 329, » 12.^a » José Tavares ;» » 634, » 9.^a » José dos Santos ;» » 137, » 3.^a » Serafim Quitério ;» » 449, » 12.^a » António de Oliveira Churro ;

Soldado n.º 372, da 9. ^a companhia,	António Gorgulho ;
» » 305, » 12. ^a »	Joaquim Miguel ;
» » 15, » 3. ^a »	Manuel de Jesus Ventura ;
» » 347, » 10. ^a »	Luís Loureiro ;
» » 493, » » »	José dos Santos ;
» » 329, » » »	Joaquim Francisco ;
» » 513, » 12. ^a »	Francisco Bernardes ;
» » 307, » 3. ^a »	José Augusto.

Regimento de infantaria 24 :

Soldado n.º 478, da 12. ^a companhia,	Adriano Augusto Vieira ;
» » 536, » 10. ^a »	Aquilino Teixeira ;
» » 298, » 5. ^a »	Artur Pinto ;
» » 490, » 12. ^a »	José Gama ;
» » 219, » 11. ^a »	Arnaldo da Silva Castro ;
» » 777, » 9. ^a »	António Oliveira ;
» » 442, » 11. ^a »	Francisco de Oliveira Félix ;
» » 608, » 9. ^a »	Manuel Dias Vaz ;
» » 502, » » »	João Gomes da Silva ;
» » 363, » 10. ^a »	Manuel José ;
Segundo cabo n.º 439, da 9. ^a companhia,	Moisés Fernandes Nogueira.

Regimento de infantaria n.º 28 :

Segundo cabo n.º 434, da 11. ^a companhia,	José Ferreira Marques ;
Soldado n.º 456, da 11. ^a companhia,	Alfredo Teixeira ;
» » 421, » 12. ^a »	António Luís da Paz ;
» » 500, » 11. ^a »	Joaquim Alves dos Santos Junior ;
» » 485, » » »	Manuel Moreira ;
» » 413, » 12. ^a »	João Ferreira Ribeiro ;
» » 444, » 11. ^a »	Sebastião Pinto ;
» » 514, » 12. ^a »	Adriano de Oliveira Matos ;
» » 448, » 11. ^a »	José Teixeira ;
» » 460, » » »	Manuel Neves ;
» » 459, » » »	Manuel da Rocha ;
» » 304, » 10. ^a »	Joaquim Pinto Neves ;
» » 504, » » »	Augusto Rodrigues Tobora .
» » 466, » 11. ^a »	Bernardo Ferreira de Melo ;
» » 589, » 9. ^a »	Joaquim Martins ;
» » 529, » 12. ^a »	Luís Verissimo da Costa ,
» » 474, » » »	Manuel Moreira Ribeiro ;
» » 445, » 11. ^a »	Albino da Silva ;
» » 491, » 10. ^a »	Feliciano Ferreira ;
» » 483, » 12. ^a »	Manuel M. da Silva ;
» » 479, » 10. ^a »	José Rôlo ;
» » 349, » » »	José Pardal ;
» » 522, » 12. ^a »	João Batista ;
» » 182, » 11. ^a »	Manuel ;
» » 463, » » »	José Soares Dias ;
» » 356, » 12. ^a »	Fernando Pinto de Sousa ;

Soldado n.º 414, da 10.^a companhia, Moisés da Silva Leitão;
 » » 456, » 11.^a » Alfredo Teixeira;

Corneteiro n.º 460, da 9.^a companhia, Albano Coelho de Castro.

Regimento de infantaria n. 29 :

Primeiro cabo n.º 628, da 12.^a companhia, Alfredo Alves Rebêlo Junior,

Soldado n.º 631, da 9.^a companhia, António José Alves;
 » » 133, » » António da Silva Ramos;
 » » 127, » 11.^a » José de Campos;
 » » 498, » 12.^a » José Ferreira da Cunha;
 » » 540, » » Manuel da Silva;
 » » 733, » 9.^a » Manuel Lopes;
 » » 527, » 10.^a » Evaristo Jorge;
 » » 504, » 12.^a » José Vieira;
 » » 674, » 11.^a » Manuel Augusto Antunes;
 » » 549, » 9.^a » José Joaquim Martins;
 » » 720, » 9.^a » António Fernandes dos Vales;
 » » 216, » 11.^a » Abílio Ferreira Campos;
 » » 126, » » Francisco Pimenta;
 » » 486, » » António Martins;
 » » 534, » 9.^a » Manuel Joaquim Gonçalves;
 » » 663, » » João José Gonçalves;
 » » 563, » » António Andrade;
 » » 590, » 11.^a » Silvestre Enes Ramos;
 » » 569, » 10.^a » Joaquim Rodrigues;
 » » 352, » » Manuel de Araujo Correia;
 » » 377, » 9.^a » Alvaro do Val;
 » » 370, » 10.^a » António Joaquim da Silva;
 » » 634, » 12.^a » António José Pereira;
 » » 521, » 9.^a » José da Silva;
 » » 392, » 10.^a » António Batista de Campos;
 » » 702, » 9.^a » António da Silva;
 » » 505, » 10.^a » Vicente Paulo;
 » » » 572, 9.^a » José.

Regimento de infantaria n.º 30 :

Segundo sargento n.º 278, da 9.^a companhia, Eduardo Augusto;

Soldado n.º 69, da 12.^a companhia, Carlos Américo Cabral;
 » » 436, » 11.^a » José Luís Carvalho;
 » » 50, » 12.^a » António Augusto Henrique;
 » » 425, » » Jacinto Agónia Magalhães;
 » » 197, » » Alexandre Alves de Moraes;
 » » 436, » » Antonio Augusto Minhava;
 » » 255, » 9.^a » Miguel do Nascimento Pinto.

Regimento de infantaria n.º 31 :

Primeiro sargento n.º 502, da 1.^a companhia, Serafim Ribeiro;

Soldado n.º 208, da 8.^a companhia, Julio da Silva;
 » » 439, » 9.^a » Joaquim Ferreira;
 » » 346, » 11.^a » Joaquim Bento da Cruz;
 » » 153, » » António Moreira.

Regimento de infantaria n.º 32 :

Soldado n.º 425, da 5.ª companhia, José de Sousa;

» » 1388, » 8.ª » Joaquim Alves.

Regimento de infantaria n.º 34 :

Soldado n.º 410, da 12.ª companhia, Miguel Pina.

1.º grupo de metralhadoras :

Segundo cabo n.º 18, da 2.ª companhia, Manuel de Matos;

Soldado n.º 136, da 1.ª companhia, José Francisco Granjo.

3.º grupo de metralhadoras :

Soldado n.º 86, da 3.ª companhia, Manuel Serafim de Oliveira.

4.º grupo de metralhadoras :

Corneteiro n.º 114, da 2.ª companhia, Vicente Perdigão.

Guarnição de Moçambique :

Segundo sargento da 5.ª companhia de depósito, António Batista de Pina e Silva;

Primeiro cabo n.º 2:015 da 5.ª companhia de depósito, Joaquim Ferreira Marques.

Contingente de Macau :

Soldado n.º 1:274, Manuel Guerreiro Simões;

» » 1:270, José Batista;

» » 1:322, Manuel Ferreira Rocha;

» » 1:432, António Carvalho;

» » 1:286, Francisco José da Silva;

» » 1:359, António Elias.

Civis :

Serralheiro mecânico, Manuel Martins;

Vulcanizador, António Silva.

António Batista de Campos

António da Silva

Vicente Paulo

José

Regimento de infantaria n.º 30 :

Segundo sargento n.º 272, da 9.ª companhia, Eduardo Augusto

Soldado n.º 89, da 12.ª companhia, Carlos Américo Cabral;

José Luís Carvalho;

António Augusto Henriques;

Jacinto Agostinho Magalhães;

Alexandre Alves de Matos;

António Augusto Albarana;

Miguel do Nascimento Fúlio.

Regimento de infantaria n.º 31 :

Primeiro sargento n.º 202, da 2.ª companhia, Serafim Ribeiro;

Soldado n.º 208, da 8.ª companhia, Júlio da Silva;

Joaquim Ferreira;

Joaquim Bento da Cruz;

António Moraes.

CRÓNICA MILITAR

Espanha

Trabalhos de aplicação e viagens de instrução dos alunos da escola superior de guerra.—No presente ano lectivo, os alunos da escola superior de guerra, deverão realizar desde 15 de maio a 30 de junho, diferentes trabalhos de aplicação—*topograficos, taticos e logísticos*, viagens de instrução e visitas a diversos estabelecimentos.

Os *alunos do 1.º ano*, efectuam de 14 a 26 de maio, uma visita às estradas e caminhos de ferro internacionais, no vale de Baztán e às posições estratégicas da zona dos Pirinéos; de 27 a 31 de maio, visitam o parque e estabelecimento central, centro tecnico e comandancia das tropas da intendencia, o hospital militar, o parque de desinfeção e o instituto de hygiene militar; de 1 a 30 de junho executam trabalhos topograficos na 1.ª região, na zona que fôr determinada. Êstes trabalhos são dirigidos pelo respectivo professor e seu adjunto, e nêles tomam parte 27 alunos¹ dos quais um tenente chileno e outro boliviano. Para auxiliar êstes trabalhos, vai um destacamento de 1 sub-official, 1 sargento, 2 cabos e 50 soldados.

Os *alunos do 2.º ano*, constituirão 3 turmas para a realização das viagens de instrução e visitas. Os da *1.ª turma*, de 15 a 31 de maio, visitam o observatorio astronomico de S. Fernando e mareografos de Reitz e de Mier, o observatorio central meteorologico de Madrid e o sismologico de Toledo, o astronomico de Madrid e o instituto geografico e estatístico; os da *2.ª turma*, de 14 a 31 de maio, visitarão a fabrica de polvora de Murcia, a pirotecniã e mestranza de Sevilha, a fabrica de armas portateis de Oviedo, a de Trubia, e a de Lugones; os da *3.ª turma*, de 16 a 31 de maio, visitam as oficinas da companhia de Madrid, Saragoça e Alicante, a central de telefonios, a de telegrafos e a rede de Madrid, o centro electro-tecnico, o museu de engenheiros e o caminho de ferro de Madrid a Valdeiglesias, o regimento de pontoneiros de Saragoça, a fabrica de material circulante de Garde e Escoriaza, a fabrica de instrumentos de precisão de Laguna e de hidrogenio, e em Barcelona, a fabrica de motores de Elizalde e Hispano-Suisa, a estação radio-telegrafica e o caminho de ferro funicular de Tibidabo; e por fim, de 2 a 27 de junho, executam trabalhos taticos nas 1.ª e 7.ª regiões.

Estes últimos trabalhos são dirigidos pelo professor de tatica e seu adjunto, e nêles tomam parte 25 alunos². Um destacamento composto de 1 sargento, 2 cabos, 1 ferralor, 1 clarim, 25 soldados e 2 viaturas, acompanha os officiaes.

Os *alunos do 3.º ano*, realizam primeiro trabalhos logísticos, de 15 de maio a 15 de junho, na zona da 8.ª região; e, de 15 a 29 de junho, visitam

¹ São 17 tenentes 7 capitães e 1 major e os 2 tenentes escripturaes.

² São 15 " 8 " e 2 maiores.

a base naval do Ferrol, as baterias e parques de minas em construção em Vigo e Marin. Os trabalhos logísticos são dirigidos pelo professor respectivo e seu adjunto, e nêles tomam parte 27 oficiais alunos¹.

Com os professores de topografia, vão também os de geologia e de geografia militar.

Todos os trabalhos são inspecionados pelo general director da escola e pelo coronel chefe de estudos.

Todos os oficiais recebem as gratificações e subsídios regulamentares.

(*Diario Oficial*, 21-março-1919).

Admissão à escola superior de guerra para o ano de 1919-20.—Em harmonia com o decreto de 31 de maio de 1904, é aberto concurso para a admissão de alunos na escola superior de guerra.

As provas de admissão terão lugar em junho. Ao exame de admissão, podem concorrer os capitães, tenentes e alferes das diversas armas, que nunca tenham cursado a dita escola e satisfaçam às condições de ter 2 anos de serviço efectivo e boas informações dos chefes imediatos, relativamente à sua capacidade, character, dotes de comando, aplicação e aptidão física.

O número de candidatos a admitir na escola, será de 25, sendo 14 para a infantaria, 5 para a cavalaria, 4 para a artilharia e 2 para a engenharia, podendo ser admitidos mais 5 alunos, se, tendo sido dos mais classificados, não lhes pertencesse preencher vacatura em virtude daquela proporcionalidade.

As provas de admissão versarão sobre—*literatura militar espanhola, geografia geral, historia universal, direito politico e administrativo, francês, desenho topografico* e um *problema tatico*, para a aplicação dos regulamentos.

O *problema tatico*, não consiste no emprego de um destacamento mixto numa situação tatica, como se poderia supôr, mas sim, nas vozes de comando a dar, para passar de uma a outra formação, um batalhão, um regimento de cavalaria, e um grupo de três baterias de artilharia.

É, portanto, uma questão muito elementar que muito tem sido censurada por oficiais do exercito espanhol, e mui em especial pelo capitão Equis.

Colégios preparatorios para as praças de pré.—Foi aprovado com character provisório, o regulamento para os colégios preparatorios militares, cujos cursos devem começar no dia 1 do próximo mês de setembro.

Estes colégios têm por fim ministrar os conhecimentos necessários para as praças de pré poderem concorrer ao exame de admissão nas academias militares das diversas armas.

São 2 os colégios: um em Cordova e outro em Burgos.

Para a aquisição e conservação do material, são destinadas anualmente para cada um destes colégios, 5:000 pesetas.

Em cada colégio há um director, tenente-coronel, 6 professores e 3 adjuntos, que serão majores ou capitães das diversas armas ou de intendencia, admitidos mediante concurso, do activo ou da reserva.

¹ São 14 tenentes e 13 capitães.

Os adjuntos são tenentes. Nenhuma turma poderá ter mais de 30 alunos. As matérias professadas nêstes colégios, são:

Francês e desenho; gramatica castelhana e geografia universal; historia geral e de Espanha; aritmetica, algebra, geometria e trigonometria.

O director tem uma gratificação especial de 1:500 pesetas; os professores, 1:000; e os adjuntos, 500.

Em cada colégio não pode haver mais de 120 alunos. São destinados 30 lugares às praças de pré com mais de 3 anos de serviço e os outros 30 aos cabos e sargentos que o requeiram e tenham mais de 6 anos de serviço e pelo menos 24 de idade.

O curso dura 2 anos, podendo os alunos estar 3 anos. O tempo da permanencia não é contado para a readmissão. O professor de maior categoria e antiguidade desempenha as funções de *chefe de estudos*.

Na primeira quinzena de abril de cada ano é feito o apuramento dos alunos que estão nas condições de irem ao exame de admissão nas academias militares. Os alunos são classificados em 2 grupos:

No 1.º grupo estarão comprehendidos os graduados com mais de 6 anos de serviço e tendo 24 a 30 anos de idade; no 2.º grupo, os que tenham mais de 3 anos de serviço. Os alunos do 1.º grupo, quando aprovados no exame de admissão das academias, entram nelas sem dependencia de vacaturas.

Os do 2.º grupo concorrem nas condições de todos os outros candidatos.

Os soldádos e cabos vencem nos colégios preparatorios 3 pesetas diárias.

De cada unidade não podem ser enviados aos colégios mais de um aluno por cada 2 companhias, esquadões ou batarias.

Emquanto cursarem os colégios, os alunos são dispensados do serviço e da frequencia das escolas regimentais. (D. O. n.º 61-16 3º-919).

Convocação do contingente de recrutas de instrução reduzida da classe de 1918.—Por decreto de 17 de março, foram mandados convocar para receberem instrução reduzida (20, 40 ou 60 dias), os mancebos da classe de 1918 e bem assim, os das classes anteriores que a não tenham recebido, incluindo também os que, pagando a *quota militar*, têm direito a uma redução de serviço nas fileiras. O número dos convocados eleva-se a 48.873 mancebos, assim distribuidos:

1.ª região	7.551
2.ª »	7.425
3.ª »	7.665
4.ª »	5.232
5.ª »	4.458
6.ª »	4.756
7.ª »	4.146
8.ª »	6.771
Baleares.....	451
Cauarias.....	418

Total 48.873. Dêstes pertencem a 1918, 42.513.

Nêste número ainda não estão incluídos os que, pertencendo às companhias ferro-viárias, têm de ser incorporados nos regimentos de caminhos de ferro, e os que sendo aspirantes ou oficiais dos telegrafos, são destinados ao regimento de telegrafos e ao centro electro-técnico.

Os recrutas, pagando a *quota militar*, alistam-se no regimento que mais lhes convenha.

Apenas se destinam 50 recrutas ao regimento de cavalaria de Calatrava (6.^a região). (*D. O.* n.º 61).

França

Generais do quadro activo que tomaram parte na guerra.—Dos generais de divisão, 73, (61 %). eram coroneis ou tenentes-coroneis em 1 de agosto de 1914. Havia 8 generais de brigada, que pertenciam ao quadro de reserva antes da guerra, e que, tendo sido mobilizados, foram nomeados generais de divisão, como succedeu ao general Fayolle. Houve também uns 12 coroneis de reserva ou reformados que foram nomeados generais de brigada, como foram os generais Marchand e Messimy, este antigo ministro da guerra, e que foi chamado ao serviço, sendo tenente-coronel.

Foram em grande número os generais mortos durante a campanha. Contam-se, pelo menos, 4 de divisão e 38 de brigada. (*Le Temps*).

Inglaterra

Granadeiros.—No exercito inglês há em cada companhia de infantaria, tantos grupos de granadeiros, quantas as secções da companhia. Cada grupo comprehende 8 homens e um graduado, chefe do grupo: 2 são lançadores de granadas de mão, um de granadas de espingarda, 2 são municidores, 2 são exploradores e um constitui uma reserva.

Para fazer parte dos grupos, devem os homens ter de 19 a 25 anos de idade, ser inteligentes, valorosos e bons lançadores de granadas.

A *todos os soldados* da companhia, são feitas conferencias sobre o manejo das granadas, as precauções a tomar, descrição e uso delas, cuidados a ter no seu transporte e armazenagem, organização e tática dos granadeiros no ataque e na defesa; exercicios praticos de lançamento com granadas vazias em campo aberto e em trincheiras na posição de joelhos e deitado; exercicios praticos do emprego dos grupos de granadeiros com granadas vazias; pratica de lançamento com granadas de guerra, e exercicios de grupo com o emprego destas.

Aos *soldados escolhidos* para constituir os grupos de granadeiros, são feitas conferencias acerca das particularidades das granadas de mão e de espingarda, tanto das próprias, como das do inimigo, aprovisionamento das granadas no combate e tática dos granadeiros (execução dos raids, cooperação com as metralhadoras, etc.). Depois têm logar os exercicios de aperfeiçoamento no lançamento à mão, com o fim de aumentar o alcance e a precisão; exercicios de lançamento de granada com espingarda e catapulta; exercicios de ataque e defesa, de dia e de noite; pratica para bloquear uma trincheira.

Em seguida os especialistas são sujeitos a um exame que comprehende:

1.º—Lançamento de 10 granadas sem carga, de uma trincheira de 4 pés de profundidade e com um travez de 6 pés de altura, devendo colocar, pelo

menos, 2 granadas em cada uma das 3 caixas que se colocam a 20 jardas de distância, (umas perpendiculares à frente, e outras inclinadas);

2.º—Lançamento de 3 granadas de guerra, de uma trincheira contra um determinado objectivo;

3.º—Disparar 5 granadas de espingarda, devendo pelo menos, 3 tocar o objectivo, que é um troço de trincheira de 20 jardas de comprimento e 4 de largura, e a uma distância de 70 a 90 jardas;

4.º—Prática de cada soldado em todos os trabalhos que devem ser executados por um grupo de granadeiros;

5.º—Exame teórico sobre todos os conhecimentos que deve possuir um granadeiro.

Os soldados mais praticos lançam as granadas a 45 ou 50^m e 35 por minuto.

Para a prática da *limpeza de trincheiras*, os 8 granadeiros do grupo de cada secção, formam em coluna, marchando na frente 2 exploradores com baioneta armada, seguindo um granadeiro, depois um municador, depois o chefe do grupo, depois um granadeiro, depois um municador, e por fim um soldado com baioneta armada na espingarda. Assim formada a coluna, vai avançando ao longo da trincheira, e, logo que os exploradores descobrem o inimigo, dão aviso aos granadeiros e estes lançam as granadas; quando um granadeiro é ferido, o substitui o chefe do grupo.

Para o ataque a uma trincheira, dispõem-se os grupos de granadeiros em várias filas e em direcção perpendicular áquela.

Os granadeiros são empregados tanto na *ofensiva* como na *defensiva*. No primeiro caso, são utilizados em *raids* às trincheiras inimigas, tanto para produzir perdas no inimigo, como para destruir determinados trabalhos deste; no serviço de exploração, para conhecer a organização, extensão e ocupação de uma linha de defesa, assim como para reconhecer o terreno, fixar as posições das metralhadoras e das escutas do inimigo; em ataques locais em combinação com a fuzilaria para se apoderar e manter em certos sectores da linha do adversário; em ataques gerais em grande escala, distribuindo-se então pelos diversos granadeiros as suas missões especiais.

Antes de cada ataque é preciso obter informações acerca das trincheiras inimigas, e com os planos das fotografias à vista dever-se-á estudar o modo de orientar-se para marchar pelas redes de trincheiras em que terão de operar.

Quando um ataque é bem sucedido, os grupos de granadeiros percorrem as trincheiras sobre as quais executaram o ataque, bloqueam as trincheiras de comunicação por onde se poderia efectuar um contra-ataque, prestam auxílio à própria infantaria nos pontos em que esta encontra resistencia para avançar, batem os logares em que ficaram metralhadoras inimigas, capturam os individuos que ficaram occultos nos observatorios, nos abrigos, etc.

Em todos os avanços os grupos de granadeiros devem marchar nas alas das companhias a que pertencem.

Os granadeiros também têm por missão apoderar-se das crateras que se formam entre as duas linhas de combate, para se organizar pontos de apoio para a defesa da linha principal, ou para servirem de apoio a um avanço, ou constituir um obstaculo ao avanço do inimigo.

As crateras tomadas, são organizadas, regulando-se os bordos que se

transformam em parapeitos, e constroem-se trincheiras de comunicação com a trincheira principal, e estabelecem-se depósitos de viveres, de granadas, de explosivos, etc., pois as tropas podem ficar isoladas alguns dias.

Enquanto à defesa, se o inimigo consegue penetrar num sector pequeno da frente, os grupos de granadeiros deverão atacá-lo para impedir que tenham tempo de construir barricadas dentro da trincheira. Para este fim, todos os do grupo, com baioneta armada e a adaga preparada e o maior número possível de granadas, avançarão 2 a 2 por dentro das trincheiras, marchando de través em través. No caso do inimigo ter penetrado numa extensa frente da linha, os granadeiros da defesa, construirão barricadas para se oporem e impedir o avanço do inimigo, devendo manter-se nelas, todo o tempo que possam, tendo preparadas outras nalguns travéses da retaguarda, para as defender sucessivamente.

O remuniciamento de granadas durante o combate dentro de cada batalhão, obtém-se por meio de um depósito com 1.000 para cada batalhão, havendo ainda nas proximidades de cada companhia um reservatório de 500 granadas com os seus detonadores. Estes depósitos devem ser protegidos por meio de blindagens à prova dos tiros de artilharia e situados em locais secos, não devendo haver nas proximidades matérias inflamáveis.

Para garantir o remuniciamento estabelece-se uma cadeia de homens, que fazem chegar as granadas até à linha de combate.

Os granadeiros, quando se separem da sua companhia, devem levar consigo o maior número possível de granadas. As granadas podem ser transportadas: 1.º Em bornais especiais de kaki que levam 20 granadas; 2.º Em bolsas de kaki, levando igual número; 3.º Em cinturões que se prendem com ganchos, e que levam 4 a 8 granadas.

(*Memorial de Infanteria*).

As perdas aéreas britânicas.—Durante a guerra, os ingleses perderam nos combates aéreos, 4.579 oficiais e 1.587 soldados, mortos; 5.369 feridos e 1.876 desaparecidos; 2.794 prisioneiros e 334 internados, 45 oficiais e 239 soldados. Isto dá um total de 16.623.

(*Estudios Militares*—fevereiro-1919).

Servia

A Servia na guerra.—A Servia mobilizou durante a guerra, 707.343 homens, o que corresponde a 40 % da sua população do sexo masculino, ou 24 % da sua população total.

Com os voluntários yugos-slavos organizou 2 divisões que operaram na Roumania e que contavam 40.000 homens. Com 10.000 voluntários vindos da America e doutros pontos que combateram na frente Salonica, com os 50.000 mobilizados pelo Montenegro e com os que combateram noutras frentes, a Servia mobilizou durante a guerra, 800.000 soldados.

As perdas sofridas, foram :

Mortos nos campos de batalha ou em consequencia de ferimentos, 369.818, o que corresponde a 50 % dos homens mobilizados.

As perdas sofridas pela população que ficou na Servia e pelos prisioneiros nos campos de concentração austro-ungaros, sobem a 630.000.

A Servia contribuiu com mais de um milhão de vidas nesta luta tremenda, e que corresponde a $\frac{1}{4}$ da população total.

(*Le Temps*-14-3.º-1919).

DIVERSOS

Fabrico de hidrogénio pela decomposição da acetilena.—A casa Zeppelin, em Friedrichshafen, obtém o hidrogénio para encher os dirigíveis pela decomposição da acetilena.

O gás, obtido pela reacção do carbonato de cálcio na água, é comprimido a 4 ou 6 atmosferas e dirigido para umas câmaras de aço, onde uma fscia electrica o decompõe em hidrogénio e carboneo com grande desenvolvimento de calor. O carboneo, sob a forma de negro de fumo, é recebido em recipientes separados, ficando o hidrogénio quasi puro, depois de atravessar um filtro de seda.

Cada quilograma de acetilena (pouco mais de 1m^3) produz 920 gr. de negro de fumo e 1m^3 de hidrogénio; e, como para obter 1 quilogr de acetilena são necessários 29g,46 de carbonato de cálcio, torna-se necessário 10 quilogr. de carboneto para obter 4 quilogr. de negro de fumo e 4m^3 de hidrogénio.

Assim se obtém, além do hidrogénio, enormes quantidades de negro de fumo que são utilizadas na indústria alemã.

O esforço dos aliados na guerra.—A França, tendo uma população de 88.762:000 habitantes (incluindo Marrocos, Argélia e Tunisia) mobilizou 9.717:000 homens 10,9 % da população e perdeu 1.308:000, ou sejam 13,4 % dos mobilizados; a Grã-Bretanha, com 45.222 000 habitantes (não compreendendo os seus domínios), mobilizou 5.704:000, 12,6 % da população e perdeu 680:000, ou sejam 11,9 % dos mobilizados; a Italia, com 34.671:000 habitantes, mobilizou 5.650.000, 16,2 % da população e teve 400.000 mortos, ou sejam 8,1 % dos mobilizados; os Estados-Unidos, com 91.972 000 habitantes, mobilizou 3.800 000, e teve 220.000? mortos, ou sejam 5,7 % dos mobilizados.

(*Petit Parisien*-março-1919).

A borrocha sintetica.—Na Alemanha numerosas fábricas e empresas industriais se constituíram durante a guerra para o fabrico do carboneo de cálcio, transformando-se imediatamente a acetilena em acido acético, e, produzida a acetona, se obtém a borrocha sintética. As diversas fábricas alemãs produziam até 50 toneladas de carboneto de cálcio por dia.

Esta indústria deverá ter um grande desenvolvimento depois da guerra, devendo influir consideravelmente na baixa de preço da borrocha e das suas numerosas applicações.

O poder calorifico de diversos combustiveis empregados nos usos domesticos.—O problema da calefação doméstica tem chamado a atenção para o valor dos diversos combustiveis, quer sob o ponto de vista calorifico, quer do preço por *caloria* para assim se vêr qual seja o mais económico. Da aná-

lise dos diversos combustíveis, *sólidos, líquidos e gazosos*, se conclue o seguinte:

Petróleo—por quilograma.....	fornece : 10.000 a 11.500 calorias
Antracite—por quilograma.....	» 7.800 » 8.300 »
Coque—por quilograma.....	» 7.000 » 8.000 »
Hulha negra—por quilograma.....	» 7.200 » 7.800 »
Carvão de lenha—por quilograma.....	» 6.000 » 7.000 »
Alcool desnaturalizado.....	» 5.500 »
Linhite.....	» 4.000 » 4.800 »
Gaz de iluminação (m ³).....	» 5.300 »
Turfa.....	» 3.000 » 3.700 »
Madeira seca.....	» 2.400 » 2.500 »
Serradura de madeira.....	» 2.000 » 2.500 »

Para ver qual o combustível mais económico basta dividir o preço do quilograma pelo número de calorias.

Relação entre a população e os contingentes anuats encorpados nalguns países da Europa.—Antes de começar a guerra de 1914 :

- A Alemanha encorporava nas suas fileiras 1,03 % da sua população ;
- A Austria, 0,8 % da sua população ;
- A França, 1,5 % da sua população ;
- A Italia, 0,81 % da sua população ;
- A Russia, 1 % da sua população.

A projectada linha Paris-Algeciras.—O projecto de lei apresentado ao Senado do visinho reino para a construção duma linha ferrea directa, de tracção electrica, ligando Paris com o porto de Algeciras no estreito de Gibraltar, tem uma importância comercial de largo alcance para a França e Espanha. A nova linha terá 1^m,44 de largura entre os carris. Pretende-se com esta linha aumentar a rapidez das comunicações intercontinentais atravez da França, Espanha, Africa, Pernambuco e Pekin, ligando-se a esta cidade atravez da Siberia.

É em Dakar que se estabelecerá a testa do caminho de ferro que, por via maritima, permitirá a ráp da ligação da Africa com a América.

Desta forma Algeciras, Dakar e Pernambuco, vão adquirir uma notável importância, que redundarão em detrimento do nosso porto de Lisboa. Ao mesmo tempo se está negociando um novo tratado de comércio franco-espanhol, de modo a tornar cada vez mais intimas e mais fraternais as relações que existe entre a Espanha e a França. No dia 5 de março reuniram-se em Bayonna delegados franceses e espanhoes para trazar da construção da linha (via dupla), tomando parte na reunião o *maire* de Bayonna e o *alcaide* de San Sebastian. É curiosa a entrevista dada pelo conde de Romanones a um correspondente do *Daily Express*, e que vem inserta no *Temps* de 6 de março.

CRÓNICA MARITIMA

Belgica

Reconstituição da marinha de guerra.—Nota-se um grande e interessante movimento nos meios politicos e militares tendente à reconstituição da marinha de guerra, suprimida em 1852, sob o reinado de Leopoldo I.

Deseja a Belgica um acôrdo com a Holanda para transformar o regimen do Escalda.

França

A flotilha francesa do Rheno.—Esta flotilha, cujos primeiros elementos já se achavam em viagem nos fins do mês de Dezembro ultimo, compreenderá canhoneiras, vedêtas e embarcações de caça.

Estas unidades ficarão sob o comando de um capitão-tenente e divididas em cinco grupos, cada um comandado por um primeiro tenente, auxiliado por um segundo tenente.

A flotilha dependerá de um contra-almirante, comandante das divisões de marinheiros adjuntas aos exércitos aliados.

A Marinha Inglesa também enviará por seu turno algumas embarcações suas para êsse importante rio.

Os monitores.—No *Moniteur de la Flotte*, sustenta o capitão de fragata Castex, em resposta à pergunta sôbre o que se deve construir, a teoria dos deslocamentos minimos.

É a eterna e controversa questão dos pequenos e grandes navios que se apresenta sob diversos aspectos.

Convirá concentrar todo o poder belico em poucas grandes unidades, o que conduz à inarticulação devida à exagerada concentração, ou será mais conveniente dividil-o em muitos navios, em número tal que permita o fracionamento e a articulação da manobra tactica, tal que a força possa ser repartida em muitas divisões, com objectivos decisivos ou demonstrativos?

O auctor do artigo considera o exemplo de um duelo entre um navio com 5 torres com peças de 340 milímetros, e cinco monitores cada um, com uma torre com uma peça de 340 milímetros.

O primeiro é um alvo unico para a artilharia e torpedos dos monitores, conquanto que os monitores representam cinco alvos dotados de grande mobilidade.

Recorda o caso do barco automovel italiano de menos de 40 toneladas que meteu no fundo o dreadnought austro-hungaro *Szent Istran* de 22.000 toneladas.

Propõe, pois a ordem dispersa, e sustenta que o número constitue no conjunto, a melhor defeza contra a concentração do tiro e contra os ataques dos submersiveis; uma pequena unidade perdida, não acarreta a anulação da potencia de uma esquadra mais numerosa.

E sem voltar ao navio-peça isto é, à canhoneira armada com peça de 140 milímetros, proposta ha trinta anos por Gabriel Charmes, preconisa os grandes monitores com peças de grosso calibre, numa torre.

Observa que, durante a guerra largara para o mar, uma grande multidão de pequenos navios que podia cumprir um objectivo militar, só porque as suas pequenas dimensões lhe diminuia consideravelmente os riscos.

A argumentação de que as principais marinhas continuam a construir grandes navios, não impressiona o articulista, que só se admira que as lições da guerra não tenham impressionado e perturbado a tranquillidade e serenidade dos dirigentes dessas marinhas.

E, de facto, as grandes potencias marítimas, como a America do Norte e Japão, estão-se lançando na construção de monstros de 42.000 toneladas com numerosa artilharia de 401^{mm}; que representam sem duvida, uma fabulosa força que destruiria em poucos momentos, a força naval dum adversário que não tivesse a opôr-se-lhe muitos navios nas mesmas condições.

Mas se os tem, o papel de futuro destes navios que absorvem colossais orçamentos, incomportaveis por mais poderosos que sejam os recursos das nações, será apenas o de conter os dois adversários em respeito, sem nenhum se atrevêr a desencadear a luta, tão horrorosa ela seria.

A terrivel guerra que findou ai está a atestar, o que custaram em vidas e material os dois unicos rápidos recontros havidos entre as grandes unidades de combate: as acções de Dogger Bank e Jutlandia.

Foram de tão concludentes resultados que os beligerantes não tentaram repetição depois do muito tempo que a guerra ainda durou, sendo certo que uma acção decisiva no mar abreviaria o tempo que o mundo esteve sofrendo enormes perdas de vidas e materiais, as maiores que a historia regista.

Parece-nos, pois que está num bom campo o autor do artigo *Moniteur de la Flotte* quando aconselha a que se volte á construção de pequenas, mas numerosas unidades de combate.

Inglaterra

Couraçado Hood.—É o maior de todos os navios construidos durante a guerra, e sôbre a sua construção se manteve sempre o maior segredo. Era uma das grandes surpresas da guerra, e o unico dos quatro da sua classe cuja construção foi concluida.

Sôbre êste navio, poucas informações ha ainda, parecendo ter 270 metros de comprimento, oito peças de grosso calibre (38 milímetros) e uma velocidade superior a 35 milhas.

Foi construido nos estaleiros de John Brown & C.^a de Clydebank, que deviam construir mais tres unidades (o *Anson*, *Howe* e *Rodney*); mas parece que foi sustada a sua construção, estando bastante adiantada a do *Rodney* que comtudo vai ser desmontado.

O *Hood* é cingido de um dispositivo especial que o torna invulneravel

aos torpedos e às minas, tal que estes possam explodir sem provocar a ruptura do casco.

O seu custo parece elevar-se a 18.000 contos.

Navios ingleses no Reno.—Mal foi firmado o armistício, iniciaram os franceses a patrulha do rio, com navios de guerra, como acima ficou dito.

Com a ocupação parcial de Strashurgo da parte dos aliados, foi vista pela primeira vez no famoso rio, a bandeira britânica no penól de algumas canhoneiras.

Quando foi da guerra dos sete anos, a marinha de guerra inglesa praticou sobre o Weser feitos navais que maravilharam os alemães, então sem aliados naquela época.

A actual presença dos aliados sobre o Reno, faz prevêr a breve internacionalização daquela grande artéria aquática.

O Reno aberto à navegação de guerra e mercante das várias nações, simplifica consideravelmente o problema de defesa da França e aumenta da duvida, o seu poder de expansão.

Perdas sofridas na campanha dos submersíveis.—Uma recente publicação em Inglaterra, enumera as perdas de tonelagem britânicas e mundiais depois de 4 anos de guerra até 31 de Outubro de 1918.

	Tonelagem	
	Britânica	Outros países
Perdas sofridas.....	9.031:823	6.021:8 8
Novas construções.....	4.342:296	6.507:241
Navios inimigos capturados.....	716:520	1.676:155
 Perda global.....	 15.053:786	
 Novas construções globais.....	 10.849:527	
 Diferença.....	 4.204:259	
Navios inimigos capturados.....	2.392:685	
 Perda líquida mundial....	 1.811:584	

Esta perda global é assim repartida desde o principio da guerra até 31 de Outubro de 1918:

Ano de 1914 (incluindo 210.653 toneladas) stazza lorda internada nos portos inimigos.....	709:287 toneladas
Ano de 1915.....	1.724:720 "
" " 1916.....	2.797:866 "
" " 1917.....	6.623:623 "
" " 1918.....	3.198:290 "
 Tonelagem total.....	 15.053:786 "

Na acção dos aliados no Carpio e Mar Negro. — Todos os navios de guerra turcos, foram entregues aos aliados e internados em Constantinopla; entre eles se conta o célebre cruzador couraçado *Goeben* que está em Stenia, no Bosforo.

Os couraçados russos da frota do Mar Negro que estavam tripulados por alemães, estão agora nas mãos dos Aliados, bem como os seus caça torpedeiros e 4 submersíveis alemães, três dos quais foram enviados a Ismid no extremo oriental do Mar do Marmara.

Actualmente, uma flotilha britânica, cruza no Caspio e aí combate os elementos Bolchevistas.

Ao mesmo tempo, o almirantado britânico, envia navios de guerra a Reval, e no Mar Negro as suas unidades cruzam desde o mar de Azov até Trebisonda, e Samsim.

Perda do Cassandra. — Este cruzador ligeiro construído e armado depois do começo da guerra, chocou contra uma mina no Baltico no dia 4 de Dezembro, próximo da meia-noite, afundando-se à 1 hora da madrugada.

Desapareceram 11 homens, parece que vítimas da explosão da mina. O resto da guarnição foi salvo por caça-torpedeiros britânicos.

Parecem as seguintes, as principais características do *Cassandra*: Deslocamento 3.800 toneladas, comprimento 126^m, boca 11^m,8, calado de água, 4^m,05, velocidade 29 milhas, força da máquina 30.000 cavalos, usando as caldeiras o combustível líquido, armamento 2 peças de 150 milímetros e 8 de 102 milímetros.

O convés protegido tem a espessura de 75 milímetros.

A artilharia e a couraça na prova de fogo. — Agora que cessaram as hostilidades, começa a abrir-se discussão sobre os tipos de navios de guerra, e valor tactico relativo dos três factores principais: artilharia, velocidade e couraça.

Ainda se não pode chegar às conclusões certas porque ainda não vieram a publico os particulares da terrível guerra que acaba de assolar o mundo.

Considerando os dois principais belligerantes, a Inglaterra e a Alemanha, nota-se uma certa diferença de opinião sobre o valor relativo dos três factores acima mencionados.

Nos ultimos anos anteriores da guerra, o almirantado britânico tem desenvolvido o poder da artilharia e a velocidade à custa da protecção, a que os construtores alemães tem dedicado uma atenção que chega a parecer excessiva.

Esta divergencia de vistas acentua-se nos cruzadores de batalha; assim o *Princess Royal* (inglês) lançado ao mar em 1912 e com um deslocamento de 26.350 toneladas, tem 8 peças de 343 milímetros, 30 milhas de velocidade; mas com uma cinta couraçada apenas com 230 milímetros de espessura; o seu contemporaneo alemão, o *Seydlitz* de 24.000 toneladas e na velocidade de 28 milhas, tem 10 peças de 280 milímetros e uma couraça de protecção com 300 milímetros, além dos pavimentos fortemente couraçados e um bem elaborado sistema da compartimentagem estanque.

O contraste ainda é mais frisante nas recentes unidades da mesma classe,

o cruzador de batalha inglês *Repulse* com 30.000 toneladas e uma velocidade que talvez chegue a 35 milhas e tem como armamento principal 6 peças de 381 milímetros não se sabendo ainda nada sobre protecção. O *Aindenburg* com o mesmo deslocamento, tem 8 peças de 305 milímetros, uma velocidade de projecto de 26,5 milhas, certamente excedida, e leva um peso de 7.500 toneladas de couraça.

Esta disparidade de percentagem do peso destinado à artilharia e à couraça também se dá nos grandes couraçados. É assim que o *King George V* tem 10 peças de 343 milímetros e couraça de 300 milímetros e o *Koenig* tem 10 peças de 305 milímetros e couraça de 350 milímetros.

Só uma grande batalha naval poderia resolver a questão do melhor tipo tactico e quem melhor tinha encarado o problema, se os ingleses ou os alemães.

Mas da forma como decorreu a actual guerra, em que as colossais unidades de combate se recolheram a um prudente estacionamento nos portos, depois da batalha de Jutlandia ficou ainda bastante margem para discussão, e o mesmo sucedeu relativamente ao problema do limite da alta velocidade, que justifique o sacrificio dos outros dois factores.

Apenas duas acções navais tiveram logar neste horroroso conflito, em que os dreadnoughts ingleses entraram em luta com os da classe correspondente do tipo alemão; a de Dogger Bank e a de Jutlandia.

A primeira foi um combate em caça à distância extrema, em que a unica vitima foi o *Blücher*, um cruzador couraçado de 15.550 toneladas e 253 milhas de marcha acabado em 1910 e que não pertence, como se vê, ao tipo de que estamos tratando. Comtudo esta acção, embora não forneça elementos para se poder ajuisar acêrca das causas da perdas do *Blücher*, dá-nos indicações de valor sobre a potencia de artilharia e protecção dos barcos que nela entraram.

Dos 3 cruzadores de batalha alemães que entraram em combate o *Seydlitz* e o *Derfflinger* estiveram um consideravel periodo de tempo sob o fogo preciso das peças de 305 e 343 milímetros; pois apesar de repetidas vezes atingidos, nenhum diminuiu nem o seu fogo nem a sua velocidade, o que prova que o dâno não foi muito grande.

Segundo a versão alemã, alguns tiros atingiram o *Seydlitz*, mas sustenta que os projecteis ingleses de alto explosivo, caíram na sua maior parte fóra da couraça, sendo o unico tiro de conseqüências graves o que atravessou o convés e explodiu sob a barbêta à pôpa, pondo-o fóra do combate.

Da parte dos ingleses, o *Lion* foi atingido na casa das maquinas de estibordo, recebendo uma grave avaria que não podia ser de pronto reparada, emquanto que o *Tigre*, o unico navio que foi atingido pelo fogo do inimigo, apenas teve danos superficiais.

Não ha duvida que em peso de fogo tinham os ingleses decidida superioridade, mas não é menos certo que os alemães deveram à sua salvação à espessa couraça dos seus navios.

Na batalha de Jutlandia, os resultados materiais foram muito mais decisivos, tendo-os comentado os críticos como uma completa afirmação da superioridade da construção alemã. Logo em primeira fase da luta toram destruidos 3 cruzadores de batalha ingleses, sendo o afundamento tão trágicamente

rápido, que não se pôde precisar a natureza do dâno. Só foi possível verificar que êstes navios ao afundarem se levantaram grandes colunas de água, o que leva a crêr que alguns paíoes de munições explodiram.

Testemunhas oculares asseveram que o *Queen Mary* foi envolvido em uma salva dada a grande distância caindo os projecteis quasi verticalmente, supondo-se que um dêles tivêsse atravessado o convés ligeiramente couraçado, rebentando o projectil num paiol de munições, o que vem confirmar a grande importância da protecção nos navios de linha principalmente a dos pavimentos couraçados, porquanto não é necessária grande espessura da couraça vertical para projecteis lançados de grandes distâncias.

Se os alemães conseguiram uma boa protecção para os seus navios foi isso devido a dispendiosas experiencias com navios alvos que fizeram durante muitos anos antes da guerra. Dispenderam grandes somas em sacrificar velhos couraçados, atacando-os em condições as mais próximo possível da verdade (o nosso *Vasco da Gama* era certamente empregado se lá estivesse). Por esta forma, muitas ideias uteis foram applicadas nas novas construções.

As experiencias inglesas nesse sentido foram poucas e raras, e por considerações financeiras a sua utilidade pratica foi muito restricta. Foi, na verdade, uma falsa economia.

Já em tempos, servindo-nos das palavras do falecido e valente almirante espanhol D. Pascoal Cervera y Topete, escritas muito antes da desastrosa guerra que em 1888 a Espanha sustentou com a Republica Norte-Americana, nós avançamos que, para se ter uma marinha capaz de entrar eficazmente em combate, é preciso gastar muito dinheiro em munições e carvão, e executar o tiro em condições tão próximas da verdade quanto possível; só assim, sacrificando mesmo navios, se chega a resultados verdadeiramente uteis, e se obtem proficuos ensinamentos a applicar nas construções navais que realmente conveem a uma marinha para realizar os seus objectivos.

No que respeita ao calibre da grossa artilharia, é sabido que depois da aparição do dreadnought, a tendencia inglesa é para as peças de enorme calibre.

Assim das peças de 305 milímetros e 45 calibres de comprimento, se passou ao comprimento de 50 calibres e logo ao projectil de 343 milímetros com 566 quilogramas de pêsõ, e outro tipo do mesmo calibre melhorado com 634 quilogramas de pêsõ do projectil; veio depois o calibre de 381 milímetros e recentemente calibre ainda maior, o que fez aumentar grandemente o deslocamento a ponto de reduzir o número de peças.

Se tal critério é certo ou errado não o podemos saber, uma vez que factos autenticos sôbre que se possa basear uma conclusão não estão ainda publicados.

Mas o que se não pode negar é que as peças alemães de 305 milímetros e mesmo as de 280 milímetros se mostraram notavelmente eficazes e precisas no tiro na distância extrema, enquanto que as vantagens que aos ingleses vieram de terem menos peças, mas de maior calibre em cada um dos seus navios, não são do dominio publico.

O que parece demonstrado é que um tiro mortal pode ser dado a uma distância pratica por uma peça de 305 milímetros, se bem que a opinião precedentemente dominante nos circulos navais é que são precisas peças de maior calibre para conseguir tal fim.

A Alemanha e a Austria, tinham um tipo de peça de 305 milímetros muitíssimo potente com um projectil de 450 quilogramas de peso, e com um reduzido pêso de 51 toneladas.

Ora da experiencia da guerra não parece resultar que um navio com 8 grandes peças, goze de assinaladas vantagens sôbre o navio com 10 peças de um calibre mais pequeno, sendo certo que, com habeis atiradores, o navio que tiver mais peças mais alvos faz.

Finalmente, no que diz respeito ao valor tactico da velocidade, importa revêr as teorias pre-belicas, como muito bem diz a *Rivista Maritima Italiana* de Janeiro ultimo, antes de estabelecer os novos programas navais.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

Portugal

- 1 Christovam Ayres, coronel de cavalaria, etc. *A prisão do infante D. Duarte*, folh. in 8^o, 92 p.
Separata do «Boletim de Segunda classe» da Academia das Ciências de Lisboa.

França

- 1 GÉRARD (A.) *La Triple Entente et la Guerre*; par Auguste Gérard. Saint-Amand (cher), impr. Paris, calmann-Lévy, 1918. In-18. ix-362 p. Fr. 4,50
- 2 GAMELIM (général). *Opérations offensives de la 9^e division d'infanterie, du 18 juillet au 11 novembre 1918; de la Marne à la Meuse*; par le général Gaurelin, commandant la 9^e division d'infanterie. Paris, impr. Georges Cadot, In 16, 15 p. et une feuille croquis.
- 3 *Notes ou the Markings of B. L. 8 «and 92» Howitzer ammunition* (British). November 15. 1918. Tours, impr. A. Mame e fils; American expeditionary force office of the Chief ordnance officer. 1918 In-8, 4 p. avec fig.
- 4 *Traité de la guerre engénéral, comprenant les qualités et les devoirs des gens de guerre, de puis le général jusqu' au soldat et des regles sur les principal. s opérations militaires*; par un officier de distinction. Paris, éditions Bossard 1917. In-16, xx-20 8 p. Fr. 2,50
- 5 MAURETTE (F.). *Petit Atlas de la guerre et de la paix. Les Pays où nous nous battons et pour les quets nous nous battons*; par F. Maurette. Texte et cartes. Paris, imp. Lahure; libr. Hachette et C.^{le}, 79, boulevard Saint Germain. 1918. (28 décembre) In 8, 20 p. Fr. 1,50
- 6 *Recrutement de l'armée commissions spéciales de réforme*. Volume mis à jour à la date du 15 october 1918. Limoges. imp. libr. éditeur Henri Charles-Lavanzelle, Paris, librairie de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1918. In 8, 60 p. Cent 75
- 7 GODCHOT (colone.). *Pages de guerre. Maroc-France. 1908-1918*; par le

colonel Godchot, licencié en droit. Lyon, Imprimeries réunies; chez l'auteur, 8, quai de l'Est. 1918, In-8, 136 p. Fr. 4,50

Inglaterra

- 1 BARKER (Captain D. Wilson) *Things a Sailor Needs to Know*. 8vo, pp. 351. Griffin. net 21/
- 2 BARLOW (Sir M.) and Williams (G.) *War Pensions, Gratuities, Allowances, Treatment, and Training for Officers, N.C.O.'s and Men*. A Handbook with Scales of Payment and full Index. Cr. 8vo, pp. 44. J. Davy & Sons. 1/
- 3 CARRINGTON (Hereward) *Psychical Phenomena and the War*. 8vo, pp. 372. T. Werner Laurie net 10/6
- 4 CORBIN (T. W.) *The Marvels of War inventions Descriptions of Weapons of War and How they were Invented*. Illustrated. 8vo, pp. 252. Seeley net 5/
- 5 CORNFORD (L. Cope) *The British Navy. The Navy Vigilant*. Illustrated. 18mo, pp. 216. Macmillan. net 2/
- 6 DODD (Francis) *Admirals of the British Navy Portraits in Colours* With Introduction and Biographical Notes. Folio, swd. «Country Life» net 5/
- 7 FOCH (Marshall) *The Principles of War*. Translated by Hilaire Belloc. 8vo, pp. 364. Chapman & H. net 21/
- 8 HAY (Ian) *Welcome to all American Soldiers and Sailors*. 12mo, pp. 47. Amer. Y. M. C. A. 1 d
- 9 HICKS (John W.) *The Theory of the Rifle and Rifle Shooting*. 8vo, pp. 139. Griffin net 5/
- 10 HURD (Archibald) *Italian Sea-Power and the Great War*. Cr. 8vo, pp. 124. Constable. net 1/
- 11 MC CUDDEN (James Thomas Byford) *Five Years in the Royal Flying Corps*. Cr. 8vo, pp. 364. Aeroplane. net 7/6
- 12 MC KENZIE (F. A.) *Throug the Hindenburg Line. Crowning Days on the Western Front*. Cr. 8vo, pp. 437. Hodder & S. net 7/
- 13 MONTMORENCY (J. E. G. de) *The White Riders, and other Sketches in War Time*. Cr. 8vo, pp. 158. Oxford P net 4/
- 14 RECONOGRAPHY, *Simplified Reconnaissance Sketching*. With Introduction by Lt.-Gen. Sir Robert Baden-Powell. «Graphite.» 8vo, swd., 56. Hodder & S. net 1/6
- 15 REID (F.) «Foot Slogging in East Africa.» Forty-six Sketches of the East African Campaign. Cr. 8vo, pp. 140. Mosken-Miller (Cape Town).
- 16 *Rovers of the Night Sky*, «Night Kawk.» M. C. 8vo, pp. 212. Cassell net 5/
- 17 SAUNDBY (R. H. M. S.) *Elving Colours*. With a Prefatory Note by Major Gen E. B. Ashmore, Folio. «Aeròplane» net 15/
- 18 *Thirty Canadian V. C's April 23 to March 30 1918* Compiled by the Canadian War Records Office Cr. 8vo, pp. 96. Skeffington. net 2/9
- 19 *War Loss Book Mercantile. Steamships destroyed during the Great War, 1914-1918*. 8vo, Syren & Shipping, Ltd. 2/6

- 20 WOODS (H. Charles) *The Cradle of the War, The Near East and Pan-Germanism*. With a Foreword by A. Lawrence Lowell. 8vo, pp. 380
J. Murray net 12/
- 21 PHILIP'S *Contoured Map of the European Battle Fronts. The New Europe*, 44 by 35 Allies' Map of the Western Front, 45 by 36. G. Philip
each net 2/6

II — PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.ºs 11 e 12 de novembro e dezembro de 1918. Trajectoria do torpedo no plano vertical. A respeito de submersíveis. Síntese harmónica de marés e respectiva prática para a hora dada.
- 2 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 1 a 3 de janeiro a março de 1919. Sessão de homenagem à memória do conselheiro José Vicente Barbosa du Bocage, em 24 de novembro de 1916. Bibliografia. Província de Timor—A Ilha do Ataúro—Notícia sobre a ilha e seus habitantes. Crónica. Bibliotéca—Obras entradas nos meses de janeiro a dezembro de 1918.—N.ºs 4 a 6 de abril a junho. Relatório duma viagem ao Congo, Portugal e Alemanha. Breve notícia sobre a colonização estrangeira nos Açores Ocidentais. Província de Timor—A Ilha de Ataúro—Notícia sobre a ilha e seus habitantes. Crónica (continuação).
- 3 *O Instituto*, n.º 12 de dezembro de 1918. Boletim do Instituto. Taxas dos officios mecânicos de Coimbra em 1593. Curiosidades historicas e artisticas. Dois inéditos ácerca das ilhas do Faial, Pico, Flôres e Côrvo.—N.º 1 de janeiro de 1919. Boletim do Instituto. Estudos sobre antiguidades dos povos da terra de Santa Maria da Feira, e etnologia e etologia da região do Caramulo. Taxas dos officios mecânicos de Coimbra em 1593. Dois inéditos ácerca das ilhas do Faial, Pico, Flôres e Côrvo. Curiosidades historicas e artisticas.
- 4 *Revista de Historia*, n.º 28 de outubro-dezembro de 1918. Materiais para a Historia da Critica Literária em Portugal (Artigos vários). Estudos de Historia Regional. (O testamento de um Prior de aldeia no século xvii). Bastardias régias. (Prólogo de um livro em preparação, concernente a uma bastardia attribuida a El-Rei D. João VI). Gomes Freire na Russia. Frei Diniz de Lencastre. (Novas informações). O Conde de Castelo Melhor e os envenenadores das Côrtes de França e da Saboia. Um desconhecido retrato de D. Miguel. Factos e Notas. Bibliografia. Indice do volume vii.

Brasil

- 1 *Boletim Mensal do Estado Maior do Exercito*, n.ºs 4, 5 e 6 de outubro a dezembro de 1918. Nota geral sobre periscopios. Aerónautica Militar. Localização e extracção dos projectis por meio de duas ampolas radiogenas conjugadas, moveis e as projecções simultaneas. Estudo comparativo do fulminato de mercurio e do nitrato de chumbo (tradução). Noticiario. Necrologia. Actos officiais. Secção bibliografica.

- 2 *Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar*, n.º 9 e 10 de março-abril de 1918. A pratica da asepsia e antiseptia na linha de frente dos exercitos em operações. Os hospitaes modernos de evacuação. Hemiplegia dolorosa e aphasia. Pelas associações medicas. Instrução de padioleiros. Analyses, Notas e alterações. Elementos de chimica veterinaria.
- 3 *Revista do Instituto dos Docentos Militares*, n.º 8 de janeiro de 1919. O ensino militar. Elementos historicos da lingua vernacula. Campo electrico produzido por um plano electrisado. Bases Navaes. Natal na atmospheria. Geographia militar das communicações do Brazil. Notas bibliographicas. Uma obra didactica. Dr. A. V. Balcão Vianna. Publicações recebidas.
- 4 *Revista Militar do Brasil*, n.º de dezembro de 1918. A organização do exercito de 2.ª linha. Artilharia de campanha. The War's benefits. (Proventos de guerra (continuação e fim) Palestras militares — Casinos de regimentos. Marinheiros ingleses e allemães. Estudos de direito e legislação militar. As forças armadas e a Comissão de Constituição e Justiça da Camara dos Deputados — Pareceres. Legislação. Jurisprudencia. Floriano Peixoto — Reminiscencias de uma epocha de civismo nacional (continuação). A guerra de Canudos (continuação). Phenomenos electricos. Pontos controversos sobre o descobrimento do Brazil. Mez militar. Bibliographia.
- 5 *O Tiro de guerra*, n.º 1 de janeiro de 1919. O nosso anniversario. O Campeonato de tiro — Tiro Nacional. Combate ao analphabetismo. Bilac Morreu!... Directoria Geral do Tiro de Guerra. Menssa a... De verdadeiro atirador (continuação). Pontos para os exames de reservistas. Organização material e tactica das marchas (continuação). Bibliographia. — N.º 2 de fevereiro. Conselheiro Rodrigues Alves. Olavo Bilac. Episodios Militares da Historia Militar do Brazil (continuação). Organização material e tactica das marchas (continuação). Pontos para os exames de reservistas (continuação). Comentarios. O serviço militar obrigatorio. A fabrica de «Ipanema». Exames de reservistas. Directoria Geral do Tiro de Guerra. Sports. O tiro nos Estados.

Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 369 de janeiro e fevereiro de 1919. El Almirante Don Roberto Simpson y el combate de Casma. El Rol de la quimica en la guerra. Construcciones navales. El control de las flotas en combate. Confesiones de un oficial de derrota. Ascenso y preparación del personal de máquinas. Fragmentos de la memoria presentada por el Cirujano de Cargo de la Corbeta «General Baquedano». Memorandum sobre la manera de llevar la hora en la mar (trad.). Datos reveladores. Método para hallar la situación del buque por dos observaciones, rumbo y distancia navegada en el intervalo, (trad.) El papel de los oficiales a bordo. Polvora de nitrocelulosa pura en lugar de nuestra cordita? Notas profesionales. Crónica extranjera. Crónica nacional.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 35 de janeiro de 1919. Extractos de los distintos Boletines Confidenciales de la Sanidad de la Marina de Guerra de los E. U. A. com respecto a la Actual Pandemia de Influenza (trad.). La Estrategia, sus principios y su táctica. Ametralladora Colt. Consejos para Jefes de seccion. El Reglamento de ejercicios para la infanteria y ametralladoras. Visita al frente alemán en Bélgica. De la «Gaceta Oficial» de la Republica—Decretos e Resoluciones. Publicaciones recibidas. Bibliografía.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 2 de fevereiro de 1919. Armamento portátil: Granadas arrojadas y bocas de fuego de infanteria (apuntes y sinopsis) Flores del heroismo La instruccion de la Infanteria al comienzo de la guerra de los Siete Años (continuación). Revista extranjera.
- 2 *Memorial de artilleria*, n.º de fevereiro de 1919. Cementación superficial de los aceros. Tiro contra objetivos en movimiento. Iluminación para el tiro de marche del retículo del goniómetro de anteojo panorámico. Cronica. Variedades—Algunos comentarios sobre las consecuencias de Namur y Lieja Organización de la Artilleria española en el siglo XVIII. Bibliografía. Publicidad. Apendice.
- 3 *Memorial de caballeria*, n.º 33 de março de 1919. El reclutamiento de la oficialidad. De Cría Caballar y Remonta. Bases minimas para un programa de reforma del Arma de Caballeria. El cuartel como factor educativo nacional (continuación) Cría Caballar y Remonta. Estudio acerca de la organización del Ejército alemán en la primavera de 1914 (conclusión). Revista de Revistas. Nuestra Academia. Necrologia. Asociación Benefica de Santiago. Colegio de Santiago. Disposiciones oficiales.
- 4 *Memorial de infanteria*, n.º 86 de março de 1919. Sobre instruccion de tiro (continuación). Sobre enseñanza de la gimnasia (continuación). Importancia del cañador en las ametralladoras. Las ametralladoras en la guerra mundial. La iniciativa en la guerra (continuación.) Los famosos tanques. Los disparos de cañon y la lluvia. El esfuerzo realizado por las colonias. Peligros que ofrece el manejo de la tritita Cronica militar. Noticias militares. Revista de Revistas. Bibliografía. Etc.

Estados- Unidos

- 2 *The International Military Digest*, n.º 2 e 3 do vol. 53. (Fevereiro e Março de 1919).

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de dezembro de 1918. Le formole generali del tiro di Bianchi nel caso della resistenza quadratica. Il monopolio delle materie esplodenti e la sua attuazione. Il forzamento del miglior rendimento nella tubatura delle artiglierie esistenti. Valori naturali delle funzioni trigonometriche per angoli espressi in mille-

simi convenzionali. Indicazioni sul numero delle formazioni di guerra delle diverse armi in Germania. Nuovo dispositivo di unione di vetture per rimorchi con autocarri o trattrici. Cani da guerra. Notizie. Bibliografia.

- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º 1 de janeiro de 1919. Forza numerica degli Ufficiali dell'Arma di Cavalleria. Da un Mese all' Altro. Primum vincere, deinde philosophari. Castruccio Castracane in Lucca dal 1314 al 1328. Cavalleggeri del Grappa. Cronaca degli avvenimenti di guerra dall' agosto 1915 Necrologi. Parte Ufficiale. — N.º 2 de fevereiro. Forza numerica degli Ufficiali dell' Arma di Cavalleria. Da un Mese all' Altro. Le prime corse di Caval'ri in dorino nel secol' xvii. La Cavalleria di domani in Svizzera secondo un ufficiale svizzero. Rinnovazione? Cronaca degli avvenimenti di guerra dall' agosto 1915. Necrologi. Parte Ufficiale.

Peru

- 1 *Boletin del Ministerio de Guerra y Marina*, n.º 12 de dezembro de 1918. El Mariscal Foch. Una autógrafa de Foch. El Señor Teniente Coronel D. Antonio Tassi. El ataque moderno de una posición atrincherada. Educación Militar La infanteria en la guerra actual. La Legislación Militar en el Perú Una guerra civil interesante y la Batalla de la Palma. Crónica de las acciones de caballeria, en la guerra de las naciones (continuación) Estudios y conclusiones de la conferencia quirurgica inter aliada (continuación). Crónica extranjera. Sección oficial. Bibliografia.

Suissa

- 1 *Revue Militaire Suisse*, n.º 3 de março de 1919. Quelques idées sur les nécessités de notre armée (fin) Cavalerie allemande et cavalerie française dans la dernière année de guerre. Les chemins de fer de campagne à voie reduite de 0^m,66. L'avenir de notre armee. Cronique suisse. Informations. Bulletin bibliographique.

Uruguay

- 1 *Revista del Centro Militar y Naval*, n.º 176, de dezembro de 1918. La Estadística Gráfica del Capitán de Fragata Federico Garcia Martinez. Los veteranos de la guerra del Paraguay de fiesta. Conversando con el Capitán. Leys de la guerra. Las enseñanzas de la guerra. El nuevo Oficial de Infanteria (continuación). — N.º 177 de janeiro de 1919. Ganesa y Jano. Clausura del periodo de exámenes de la Escuela Militar. El Almirante Caperton en nuestra casa. Ley y Decretos de reorganización de la Justicia Militar Decreto del P. E. acordando ascensos. Condiciones para el ingreso en la Escuela Naval. Resolución referente a desempeñar el empleo que se ejerce. Nombramiento de maestros de esgrima y gimnasia. Muerte del teniente coronel Don Pedro Daguerre. Tramitación de pensiones militares